

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Filosofia, Sociologia e Política
Programa de Pós-Graduação em Filosofia



Dissertação

Pobreza, Obediência e Castidade na Ótica de São Boaventura

Leonardo Rafael de Araujo Zaromski

Pelotas, 2018

Leonardo Rafael de Araujo Zaromski

Pobreza, Obediência e Castidade na Ótica de São Boaventura

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Manoel Vasconcellos

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

Z38p Zaromski, Leonardo Rafael de Araujo

Pobreza, obediência e castidade na ótica de São Boaventura / Leonardo Rafael de Araujo Zaromski ; Manoel Vasconcellos, orientador. — Pelotas, 2018.

60 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. São Boaventura. 2. Pobreza. 3. Obediência. 4. Castidade. I. Vasconcellos, Manoel, orient. II. Título.

CDD : 100

Leonardo Rafael de Araujo Zaromski

Pobreza, Obediência e Castidade na ótica de São Boaventura

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 20/12/2018

Banca Examinadora:

Prof.Dr. Manoel Luís Cardoso Vasconcellos (orientador)

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Enir Cigognini

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Pedro Gilberto da Silva Leite Junior

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Ao Senhor e à Virgem Maria pela força espiritual.

À minha família: minha mãe, Dílvia Maria, que, sendo professora e costureira, sempre me incentivou a nunca desistir; meu pai, Ernesto (*in memoriam*), que, com sua simplicidade de alambrador e forma de ser, me ensinou que sempre temos algo para partilhar; minha avó materna, Maria Alita, e meu irmão, Kássio Gabriel, que me ajudaram financeiramente para que eu conseguisse terminar o mestrado enquanto estive desempregado.

Aos meus amigos, que me ajudaram, me provocaram, Matheus Jeske Vahl, me estimularam Dirceu Junior e Cristiane Lopes, rezaram por mim, Magnum Sória, Martina Martins, Ana Beatriz Ensslin, Hamilton Centeno e aos que abriram as portas de seus apartamentos e me acolheram: Anderson Eugênio Souza e Juliana dos Santos Nunes, que saía da própria cama para eu poder descansar.

Aos queridos professores: Profa. Dra. Sônia Maria Schio, que por sua forma de ensinar e elegância de ser, me ensinou que existem várias formas de resistir pelo bem; Prof.Dr. Manoel Vasconcellos, meu orientador, que sempre esteve disponível para tirar minhas dúvidas e me ajudar a amadurecer minhas ideias.

Aos queridos Freis Capuchinhos, que sempre estão dispostos a partilhar o conhecimento que tem através da biblioteca da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF).

À minha querida prima emprestada e revisora, Millaine de Souza, agradeço pelo excelente trabalho desenvolvido.

Gracias a todos pelo carinho! Minha conquista é de vocês também!

**“A humildade é porta da sabedoria,
fundamento da justiça e morada da graça”.
(SÃO BOAVENTURA, De Perfectione Evangelica q.1)**

Resumo

ZAROMSKI, Leonardo Rafael de Araujo. **Pobreza, Obediência e Castidade na ótica de São Boaventura**. 2018. 60 folhas. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O objetivo deste estudo é compreender alguns aspectos sobre a concepção de Pobreza, Obediência e Castidade que influenciou o ideal franciscano e todo o pensamento de São Boaventura de Bagnoregio que foi um importante religioso e filósofo do Século XIII. Após ingressar na Ordem dos Frades Menores, ele precisa elaborar uma série de defesas contra o mestre secular da Universidade de Paris Guilherme do Santo-Amor. A pobreza evangélica dos mendicantes, especificamente dos franciscanos, é vista como modelo e exemplo daqueles que querem seguir São Francisco de Assis que se espelhou em Jesus Cristo. Utilizando de algumas passagens do Evangelho, o Doutor Seráfico, aponta para a pobreza evangélica como um dos meios de chegar a tão desejada perfeição que todos aqueles que se dizem cristãos aspiram. A primeira e grande defesa dos franciscanos, elaborada por ele, foi a obra *De Perfectione Evangelica*, na qual os três votos evangélicos: pobreza, obediência e castidade, são o reflexo dos seguidores de Cristo, que conseguiu viver de maneira pobre, obediente e casta.

Palavras-chave: São Boaventura; Pobreza; Obediência; Castidade.

Abstract

ZAROMSKI, Leonardo Rafael de Araujo. **Poverty, Obedience and Chastity in the view of St. Bonaventure**. 2018. 60 leafs. Dissertation (Master Degree in Philosophy) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

The purpose of this study is to understand some aspects about the conception of Poverty, Obedience and Chastity that influenced the Franciscan ideal and the whole thought of St. Bonaventure of Bagnoregio who was an important religious and philosopher of the XIII Century. After joining the Order of Friars Minor, he must prepare a series of defenses against the secular master of the University of Paris Guilherme do Santo-Amor. The evangelical poverty of the mendicants, specifically of the Franciscans, is seen as a model and example of those who want to follow St. Francis of Assisi who mirrored himself in Jesus Christ. Using some passages from the Gospel, the Seraphic Doctor points to evangelical poverty as one of the means to reach the desired perfection that all those who call themselves Christians aspire. The first and great defense of the Franciscans, elaborated by him, was the work *De Perfectione Evangelica*, in which the three evangelical vows: poverty, obedience and chastity are the reflection of the followers of Christ, who managed to live in a poor, obedient and chaste manner.

Keywords: Saint Bonaventure; poverty; obedience; chastity.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	09
1 SÃO BOAVENTURA E O IDEAL DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS...	11
1.1 SÃO FRANCISCO DE ASSIS.....	11
1.2 SÃO FRANCISCO E A POBREZA.....	13
2 FILOSOFIA E FÉ.....	17
3 HOMEM RELACIONAL.....	24
4 SÃO BOAVENTURA E A PERFEIÇÃO EVANGÉLICA.....	29
4.1 POBREZA.....	32
4.2 CASTIDADE.....	41
4.2.1 Castidade Matrimonial.....	42
4.2.2 Castidade Vidual.....	43
4.2.3 Castidade Virginal.....	44
4.3 OBEDIÊNCIA.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	54
OBRAS CONSULTADAS.....	58

INTRODUÇÃO

São Boaventura de Bagnoregio (1217-1274) é um dos principais representantes da filosofia Escolástica do Séc.XIII. Sua vida muda radicalmente após ingressar na Ordem dos Frades Menores¹. Enquanto ele é professor na Universidade de Paris, precisa defender seus confrades da acusação de Guilherme do Santo-Amor que afirmava: Os Religiosos são inferiores aos Clérigos Seculares; A mendicância é contrária à Igreja e a pobreza evangélica um erro de doutrina, uma afronta a Deus; O surgimento dos mendicantes é um sinal escatológico².

Segundo Bougerol (1990), Guilherme do Santo-Amor pretende demonstrar que a pobreza defendida pelos mendicantes é contrária ao próprio Evangelho, mas Boaventura defenderá o fundamento teológico dos Conselhos Evangélicos: Pobreza, Obediência e Castidade³. Para o Doutor Seráfico⁴, o fundamento de toda perfeição cristã está em desprezar interiormente e exteriormente tudo por amor a Jesus Cristo.

São Boaventura estuda minuciosamente a virtude correspondente aos três Conselhos Evangélicos: Pobreza, Castidade e Obediência. Pobreza como renúncia a todas às coisas deste mundo, como vocação a mendicância e como obrigação de trabalhar com as próprias mãos. Castidade para os cônjuges, a castidade para os que estão viúvos e a castidade para os Religiosos que são insuperáveis em beleza e dignidade e em todos os aspectos sobre a virtude da castidade. A Obediência tem seu fundamento social na lei natural que permite alguém privar a sua liberdade para submeter a própria vida à vontade de outra pessoa. Esses fundamentos e preceitos da vida social são confirmados através do Decálogo e do Evangelho. A Obediência religiosa é o caminho e fundamento mais seguro da perfeição cristã⁵.

O Doutor Seráfico como um mendicante, segue os passos daquele que em vida tentou configurar sua maneira de viver igual à expressão existencial de Cristo Jesus, São Francisco de Assis.

¹Ordem dos Frades Menores ou Franciscanos, Ordem Religiosa Mendicante, fundada por São Francisco de Assis e seus discípulos em 1209.

²GOMES, F. C. **Perfeição evangélica**: a teologia dos conselhos evangélicos de São Boaventura. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

³Para Gomes (2013), os Conselhos Evangélicos são assumidos como Votos Religiosos de maneira oficial somente no Séc. XIII com os Franciscanos.

⁴São Boaventura de Bagnoregio foi declarado Doutor da Igreja, em 1588, por Sisto V, intitulado: "*Doctoris Seraphici*" (Doutor Seráfico).

⁵BOUGEROL, J. G. **Opere di San Bonaventura**: introduzione generale. Roma: Città Nuova Editrice, 1990.

Para Merino (1993), São Francisco de Assis era um homem que vivia o Evangelho, e não alguém que estava preocupado com a intelectualidade, ou que tenha descoberto algum tipo novo de conhecimento específico para o anúncio da Boa Nova para seus discípulos. O Pai Seráfico⁶ conseguiu dinamizar a espiritualidade evangélica em seus confrades e criar uma forma própria de conviver, habitar e interpretar o mundo no qual vivem e assim organizar uma maneira própria de ser da família franciscana.

O Pobre de Assis⁷ conseguiu fazer com que as palavras de Cristo, contidas no Evangelho, fossem a grande inspiração e característica da Ordem dos Frades Menores. Viver de maneira simples, ajudar os pobres, orar em comunidade, auxiliar os doentes, amar os esquecidos e marginalizados, fazer penitência, pregar, assimilar os três Conselhos Evangélicos: Pobreza, Obediência e Castidade como expressão plena daqueles que livremente assumem o modo de ser do Mestre de Nazaré.

No primeiro capítulo da dissertação, trataremos de alguns aspectos históricos importantes em torno do surgimento do movimento franciscano e sua influência no pensamento de São Boaventura.

No segundo capítulo, abordaremos a relação entre Filosofia e Fé compreendida conforme o pensamento bonaventuriano.

O terceiro capítulo será composto pela definição de Homem relacional.

No quarto e último capítulo, estudaremos sobre a importância da Perfeição Evangélica para o Doutor Seráfico, especialmente a pobreza, pois esta é compreendida como uma virtude necessária à perfeição e parte do fundamento para o pensar e agir franciscano.

⁶Termo utilizado para designar São Francisco de Assis.

⁷São Francisco de Assis também era chamado de: "Il poverello d'Assisi", "o Pobre de Assis".

1 SÃO BOAVENTURA E O IDEAL DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

1.1 SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Francesco Bernardone nasceu em 1181 ou 1182 em Assis, filho de pais comerciantes de tecidos. Após viver uma agitada e festiva juventude, alista-se como militar para a guerra na Apúlia, objetivo que não foi alcançado. Francisco encontra um pobre cavaleiro e lhe dá toda sua capa. Voltando à Assis, renuncia a seus vícios da juventude e retira-se para orar. Encontrando a pequena igreja de São Damião completamente deteriorada, Francisco, diante do crucifixo, sente que precisa reconstruir aquele templo. Mais tarde, ele percebe que não era uma reconstrução material que Cristo lhe pedia, mas uma espiritual. Voltando a casa paterna, vende todos os produtos do comércio dos pais e entrega o dinheiro ao pároco da pobre igreja. Francisco foge, pois tem medo de seu pai e das consequências. O pai encontra-o, o acorrenta em casa. Sua mãe o liberta e Francisco vai pedir refúgio ao bispo. Diante do pai e do bispo, Francisco renuncia a todos os bens materiais e fica completamente nu⁸.

Aquele jovem despido diante de todos, ao renunciar fisicamente às suas vestes, pode, de maneira simbólica, deixar para trás toda sua juventude de festas, prazeres e frivolidades, renunciar tudo aquilo que é efêmero para poder conquistar aquilo que é espiritual. Francisco começa sua vida de penitência, oração, caridade e pregação do Evangelho⁹.

O sentido da vocação de São Francisco de Assis é viver segundo o Santo Evangelho. Desnudo, Francisco segue Cristo, fundando a sua maneira de imitar Jesus como prática de virtude: a sabedoria ensina como ser simples, a pobreza ensina como ser humilde, e a caridade ensina como ser obediente¹⁰.

O Evangelho é o grande provocador de Francisco. Ao ser instigado, ele responde, seguindo Cristo, que nada possui. São Francisco, nu, sem ter nada para si, quer também ensinar que todo aquele que quiser segui-lo deverá descobrir em Jesus o modelo de vida a ser imitado. É preciso encontrar, na simplicidade, na

⁸LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Lisboa: Teorema, 2000.

⁹FONTES FRANCISCANAS. **Escritos e biografias de São Francisco de Assis**: crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes e FFB, 1997.

¹⁰MAIO, A. **Piccolo glossario bonaventuriano**. Roma: Aracne, 2008.

humildade, na caridade, na pobreza e na obediência, o sinal daqueles que vivem segundo o Evangelho.

Francisco foi um homem que conseguiu transitar entre dois mundos: o mundo dos bens materiais, dos prazeres, dos vícios, das frivolidades, das opulências e o mundo dos bens espirituais, da conversão, do desapego, da renúncia, da humildade e da imitação de Cristo.

São Boaventura afirma:

A graça de Deus nosso Salvador manifestou-se nos últimos tempos em seu servo Francisco a todos os verdadeiros amantes da humildade e da santa pobreza. Nele podemos contemplar a superabundante misericórdia divina, ao mesmo tempo que somos incitados a renunciar à impiedade e à concupiscência deste mundo, experimentando com insaciável desejo uma sede de viver em conformidade com Cristo e com a santa esperança. Verdadeiramente pobre e penitente era ele, mas o Deus Altíssimo voltou-se para sua pessoa com tão benigna condescendência, que não só o ergueu do pó da indigência e da vida mundana, como também o constituiu discípulo, guia e arauto da perfeição evangélica (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1979, p.17).

São Francisco de Assis é compreendido por São Boaventura como modelo e inspiração de vida a todos aqueles que querem estar mais próximos de Deus, sendo humildes e pobres. A proposta e o convite de Jesus para os seus seguidores consistem em aceitar que a renúncia das coisas mundanas e a penitência são necessárias e características dos verdadeiros discípulos. A renúncia de toda impiedade e concupiscência é o sinal de que todo aquele que quer mudar de vida pode alcançar o perdão divino e a misericórdia.

Para o Doutor Seráfico, na Igreja, primeiro apareceram os homens poderosos em sinais e milagres, no tempo mediano os homens instruídos, mas, no tempo final, Deus envia aqueles que, de vontade própria, são pobres e mendicantes nas coisas terrenas. São enviados contra a avareza, que chegará ao seu cume no fim dos tempos, resgatando a pobreza primitiva da comunidade apostólica como sinal escatológico¹¹.

No início da fundação da Igreja, os apóstolos foram aqueles que continuaram a obra de Jesus, testemunhas fiéis e comprometidas com o projeto de propagarem o Evangelho. Logo após o período apostólico, intelectuais abraçaram o cristianismo,

¹¹RATZINGER, J. **A teologia da história de São Boaventura**. Porto: Centro de Estudos Franciscanos, 2010.

auxiliando, assim, na fundamentação filosófica da doutrina cristã. E, no fim dos tempos, Deus chama homens e mulheres que assumem de vontade própria à pobreza como uma resposta contra toda avareza, cobiça e soberba: os mendicantes.

Segundo Falbel (1995), São Francisco, através de sua personalidade, foi o grande inspirador de toda disciplina na Ordem Franciscana. Enquanto alguns se preocupavam com questões jurídicas, disputas filosófico-teológicas, outros queriam seguir Francisco, o menor entre todos, servindo aos mais pobres, fazendo penitência, pregando o Evangelho e assumindo uma vida que estivesse mais perto da perfeição evangélica. Ser discípulo do Pai Seráfico era ter a certeza que, nele, seus filhos espirituais podiam espelhar-se, pois segui-lo era o grande sinal daqueles que renunciavam a tudo em troca da grande certeza que a Providência nunca os abandonaria.

São Boaventura de Bagnoregio, no *Brevilóquio*, afirma:

Ninguém pode, pois, queixar-se da vontade divina, pois que ela age retíssima em tudo; antes, pelo contrário, devemos em tudo dar graças a Deus e louvar o regime da providência divina (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO apud DE BONI, 1983, p. 30).

Tudo o que acontece na vida daqueles que almejam a perfeição é obra e expressão do querer divino que não deve ser questionado. O discípulo deve compreender que, em tudo que lhe acontece, tem uma razão de ser, pode ser algum motivo oculto ou revelado, seja ele qual for sempre será expressão da vontade divina e que, mesmo com as adversidades, é dever daquele que crê render graças ao seu Criador e reconhecer a manifestação da Providência.

1.2 SÃO FRANCISCO E A POBREZA

O Doutor Seráfico afirma:

A altíssima pobreza é companheira da humildade. Como perfeito imitador de Cristo, Francisco tomou-a por esposa e prometeu-lhe amor eterno. Por amor à pobreza abandonou pai e mãe e tudo o que possuía. Ninguém era tão ávido de ouro quanto ele da pobreza; ninguém jamais guardou um tesouro com tanto cuidado como ele guardou essa pérola do Evangelho. Desde o primeiro instante de sua vida religiosa até à morte, sua única riqueza consistia num hábito, numa corda e calças. O despojamento total

parecia ser o único motivo de sua glória e a penúria a única fonte de sua alegria. (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1979, p.180)

São Boaventura explica que a pobreza, para ser entendida como virtude, precisa sempre estar unida a humildade, caso contrário, a pessoa pode tornar-se orgulhosa por ser diferente das outras e não precisar das coisas. O problema não está relacionado em não precisar das coisas, mas em saber que estas coisas são temporárias e que tudo aquilo que pensamos em possuir, nada é nosso, tudo é dádiva divina e, por isso, também, é exigência evangélica repartir o pouco que se tem para suprir a necessidade do próximo.

A pobreza não é apenas um exercício ascético, mas também é a consequência do batizado que está em íntima união com Jesus¹². São Francisco comprometeu-se com a pobreza como se ela fosse uma pessoa, uma esposa a qual ele jamais poderia rejeitá-la. Compromisso maior ele teve com os filhos da pobreza: os pobres. Segundo Boaventura de Bagnoregio (1979), Francisco, após sua conversão, sempre esteve ao lado dos miseráveis, seja para reconfortá-los espiritualmente ou materialmente, pois ele via em todos os pobres a semelhança com Cristo Jesus.

Um dos episódios importantes na vida de Francisco e seus discípulos diz respeito aos fundamentos evangélicos da Regra. Certa vez, eles foram ouvir a Missa na igreja de São Nicolau. Francisco, ao fim da Celebração Eucarística,

[...] pegou em um evangelho e, abrindo-o a esmo, leu as seguintes palavras: “Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu”. Pela segunda vez ele abriu o livro e leu: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”. E Francisco ainda abriu o livro santo pela terceira vez e leu: “Ordenou-lhes que não levassem coisa alguma para o caminho”. Ao fechar o evangelho, declarou ser “isto o que desejava ardentemente e pelo que ansiava com toda força de sua alma”, e dispôs de imediato a pôr em prática o que lhe fora revelado. Segundo os biógrafos modernos, é bem possível que esses versículos revelados a São Francisco na leitura do evangelho tenham servido de base à primeira Regra da Ordem Franciscana, e São Boaventura revela na *Legenda* que o santo, após o término da leitura, declarou: “Esta é a nossa regra e nossa vida e a de todos aqueles que querem unir-se a nós”. (FALBEL, 1995, p. 8-9)

São Francisco coloca sua esperança de vida na orientação que o Evangelho poderia lhe dar. Ler o Evangelho era o mesmo que escutar a voz de Deus que fala através da vida de Cristo. Como provocação para aqueles que querem ser perfeitos,

¹²CEFEPAL. **Dicionário Franciscano**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

Francisco e seus discípulos são desafiados a tudo vender, renunciar aos bens, para, assim, poder adquirir um tesouro que não é temporal, mas eterno.

Francisco, antes de sua conversão, foi cavaleiro, carregou todos os ensinamentos que aprendeu para o novo ideal religioso: a Pobreza agora é a sua Senhora, as Santas Virtudes são parecidas com as heroínas da corte, o homem santo é um cavaleiro de Deus, dublê de trovador, de jogral¹³.

Seguir o modo de vida de Jesus é ter a coragem de renunciar a sua própria vontade, seus desejos, suas ambições pessoais, seus projetos de vida, saber lidar com os contratempos e adversidades que acontecem com todos aqueles que almejam configurar-se a Cristo. Estar disposto a não ter nada para si é um ato de fé. O religioso deve ter a sua fé depositada nas coisas espirituais, e não ter a fé nos bens temporais. O fundador da Ordem dos Frades Menores queria que o espírito de seus filhos espirituais fosse sempre guiado pela observação e imitação constante do Evangelho, renúncia de tudo aquilo que pudesse afastar o homem de sua relação com Deus, para isso era necessário abandono e confiança em Deus que tudo provê. A primeira Regra da Ordem Franciscana, nada mais é, do que imitar a vida do Mestre Jesus.

São Boaventura foi fiel discípulo de São Francisco de Assis, o santo que afirmava: “O amor não é amado”. Portanto, devemos procurar em São Francisco as raízes da compreensão bonaventuriana do amor. Para Francisco, viver autenticamente sua vocação é viver “segundo a forma do Santo Evangelho”. Seguir as pegadas de Jesus Cristo é viver como peregrinos e forasteiros neste mundo, sem nada de próprio, em profunda fraternidade universal para, como irmãos menores e livres, viver e testemunhar o amor (MENDES, 1999, p. 19).

Viver segundo o Evangelho é viver segundo o amor, amor que é expresso no cuidado com tudo àquilo que Deus criou. Viver a vocação franciscana é imitar a maneira de agir de Jesus, sendo peregrino, nada possuir para si e tendo a compreensão que para testemunhar o amor fraterno universal, é preciso doar-se aos irmãos.

Francisco escreveu com palavras simples, para si e para todos os seus, uma pequena forma de vida, na qual estabeleceu como fundamento inquebrantável a observância do santo Evangelho. Querendo que seu escrito tivesse aprovação do sumo Pontífice, decidiu apresentar-se com

¹³LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Lisboa: Teorema, 2000.

aquele grupo de homens simples diante da Sede Apostólica, confiando unicamente na proteção divina. Inocêncio III sentiu-se inclinado a aceder piedosamente à súplica de Francisco. Mas sentiu, por um lado, a oposição de alguns cardeais e, por outro, o apoio de outros que lhe faziam notar que Francisco pedia apenas que lhe fosse aprovada uma forma de vida evangélica (BORMIDA, 1999, p. 33).

Francisco era um homem que queria expressar toda sua forma de viver através da simplicidade e observância ao Santo Evangelho e, assim, ensinar aos seus discípulos uma das maneiras para seguir Jesus. O grupo de Francisco queria que a forma que eles viviam fosse também reconhecida e aceita por toda Igreja. Recorrer ao sumo Pontífice para que ele aprove a maneira de viver dos Frades Menores é ter a convicção de que aquilo que eles estão fazendo expressa a vontade do próprio Criador, ter a aprovação do Papa significava ter o consentimento do próprio Cristo. São Boaventura segue o exemplo deixado por aqueles que receberam como herança ou aprenderam com o próprio Pai Seráfico que a pobreza evangélica deve ser assumida como um compromisso diante de Deus e dos irmãos.

Para São Boaventura, São Francisco conhece a pobreza e apaixona-se por ela como um jovem que se encantou pelo seu primeiro amor e quer desposar essa Senhora Pobreza que gera muitos filhos. Francisco, ao encarar os problemas sociais da época, principalmente convivendo e servindo aos pobres, aos doentes, aos leprosos, ele consegue resgatar um pouco da imagem e semelhança de Deus que o homem foi feito, mas que, devido aos seus pecados, sejam eles de ordem pessoal ou social, acabam levando-os a marginalidade. Muitas vezes os menos favorecidos eram menosprezados e excluídos ou por membros da sociedade ou por membros da própria hierarquia da Igreja Católica.

Para Francisco e seus filhos espirituais, estar com os pobres era entendido como estar em plena comunhão com o Cristo pobre e sofredor que se entregou completamente por todos os seus semelhantes. Os primeiros discípulos de São Francisco de Assis constituíam um pequeno grupo caracterizado pela vida apostólica, amor fraterno, oração, pregação da penitência e pela pobreza. A pequena fraternidade era baseada em três pilares: a caridade, a pobreza e a adesão irrestrita à Igreja Católica¹⁴.

¹⁴DE BONI, L. O debate sobre a pobreza como problema político nos séculos XIII e XIV. In: DE ABELARDO A LUTERO. **Estudos sobre Filosofia Prática na Idade Média**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 215-254.

2 FILOSOFIA E FÉ

Mesmo Boaventura não pertencendo às primeiras gerações franciscanas, também sem ter conhecido pessoalmente Francisco, seu zelo, seu amor e sua dedicação pela Ordem dos Frades Menores possibilitaram melhor organização, estrutura e fundamentação teológica aos discípulos de São Francisco de Assis.

Conforme a Ordem Religiosa ia crescendo e seus membros espalhando-se por diversos países, era necessário reestruturar e reorganizar aquele que foi um simples sonho de Francisco, viver da maneira mais pura o Evangelho de Jesus e imitar o amor e dedicação para com o Reino de Deus que os primeiros cristãos tiveram.

São Boaventura não pertence às primeiras gerações franciscanas e sabemos que não chegou a conhecer pessoalmente a São Francisco. Ingressou na Ordem durante o generalato de Frei Elias, e em uma época em que os estudos iam substituindo aos humildes *loci* dos primeiros Freis; não pode, pois, nunca criar a ilusão de que o destino da Ordem fora multiplicar-se pelo mundo, até o máximo número possível dos exatos imitadores da vida de São Francisco. O que para a Ordem lhe trouxe, à parte da gratidão e amor jurados ao santo fundador, foi, pelo contrário, a consideração de sua vitalidade pujante e de suas possibilidades de desenvolvimento (GILSON, 1948, p. 49, tradução nossa)¹⁵.

O espírito primitivo do franciscanismo trazia um resgate não apenas conceitual de como o ser humano pode e deve relacionar-se. Uma forma de como o homem poderia rever a relação que ele deve ter consigo, com os outros, com o meio social, com o meio ambiente e com Deus. Por causa dos vícios e do apego a tudo aquilo que afasta o homem de Deus e de si mesmo, o homem acaba colocando suas esperanças nos bens que passam e se esquece que o seu verdadeiro tesouro deve ser aquele que é eterno.

São Boaventura é um intelectual que, além de utilizar alguns filósofos para auxiliá-lo nas reflexões e argumentos, tem, ao seu favor, toda uma tradição Patrística que aparece em seus escritos, como também por diversas vezes as

¹⁵“San Buenaventura no pertenece a las primeras generaciones franciscanas, y sabemos ya que no llegó a conocer personalmente a San Francisco. Ingresó en la Orden durante el generalato de Fray Elías, y en una época en que los estudios iban sustituyendo a los humildes loci de los primeros Frailes; no pudo, pues, nunca forjarse la ilusión de que el destino de la Orden fuera multiplicar por el mundo, hasta el máximo número posible, los exactos imitadores de la vida de San Francisco. Lo que a la Orden le atrajo, aparte de la gratitud y amor jurados al santo fundador, fué, por el contrario, la consideración de su vitalidad pujante y de sus posibilidades de desarrollo” (GILSON, 1948, p. 49).

Escrituras Sagradas aparecem muito mais, não esquecendo que ele é um frade franciscano, professor, bispo, cardeal e superior geral da Ordem dos Frades Menores. Toda a sua maneira de argumentar e aprofundar suas ideias filosóficas sempre aparece de maneira muito latente a sua visão teológica de fé.

Boaventura compreendia que, cada vez mais, as alterações sociais se intensificavam com o desenvolvimento do comércio e das cidades. Em razão disso, apresentava-se a necessidade de uma proximidade maior entre as pessoas, de mudanças de ações em face de um dia-a-dia, paulatinamente, mais urbano, ou seja, que deixava de ser o da vivência no campo e se apresentava com diferentes culturas, idiomas e comportamentos educacionais. Por isso, Boaventura abordava alguns temas que deixavam claro que a bondade, o amor e a humildade eram importantes para a boa convivência. Ele asseverava que, sem dúvida, Deus era o criador de todas as coisas e, portanto, a veracidade de sua existência estava fora de qualquer questionamento. Logo, a luz dada aos seres humanos quando nasciam correspondia à iluminação intelectual ou à razão sobre a inteligência humana. Não obstante, o uso dessa razão de cada indivíduo, especialmente a maneira de desenvolver e usar sua sabedoria, a qual não deveria ser somente para o seu próprio bem, mas para o da sociedade, de modo geral (PERIN, 2008, p.182-183).

São Boaventura, em seus escritos, não está preocupado apenas com a especulação racional, mas que o homem, através da experiência existencial, possa unir-se definitivamente com Deus, Ele que é o único a dar a paz que excede toda compreensão humana¹⁶.

Por mais que o homem utilize a razão para satisfazer seus desejos e anseios, somente em Deus o ser humano pode encontrar a plenitude.

São Boaventura é contra o movimento intelectual aristotélico, pois eles concebem a história de forma diferente do conceito agostiniano que subordina toda Filosofia natural à sabedoria cristã¹⁷.

O Averroísmo latino concebe o mundo de forma eterna, diferente do conceito agostiniano que concebe o mundo criado no tempo.

Boaventura, que estudou lógica na Faculdade de Artes, contentou-se com o que nela apreendeu, valendo-se da lógica como de um instrumento de trabalho das demais obras de Aristóteles, que cita, mostra ter um bom conhecimento, mas que de maneira nenhuma dá-lhe segurança nos debates, o que leva, nas *collationes* pronunciadas no fim da vida, a encarar o filósofo grego do ponto de vista teológico, não descendo jamais ao debate

¹⁶MANNES, J. **O Transcendente imanente**: a Filosofia mística de São Boaventura. Petrópolis: Vozes, 2002.

¹⁷LAZZARINI, R. **San Bonaventura, filosofo e místico del cristianesimo**. Milano: Fratelli Bocca Editori, 1946.

filosófico. Não legou à posteridade nenhum comentário ou exposição sobre ele, não porque para tanto lhe houvesse faltado tempo, mas porque não fazia parte de seu projeto de trabalho dedicar-se à exegese do pensamento de um pagão, para quem, logicamente, o tema central da redenção por Cristo era desconhecido (DE BONI, 2000, p. 320).

O Doutor Seráfico, mesmo conhecendo as obras de Aristóteles¹⁸, não o via com bons olhos¹⁹, pois todo trabalho filosófico que explore apenas o campo da razão, não contribui para que o ser humano saia de si e possa chegar ao conhecimento do divino. A criatura até pode conhecer e contemplar as coisas terrenas, mas sem esquecer jamais que elas devem conduzir ao Criador.

A maneira de São Boaventura organizar seus argumentos é utilizando-se da Filosofia Cristã, que está fundamentada na fé. A Filosofia está construída como um saber natural, mas como Filosofia Cristã recorre a Revelação. Para São Boaventura, devido à corrupção herdada por Adão e Eva, o entendimento humano está corrompido, é falho e tem pouco alcance se não utilizar da fé para iluminar a razão e, assim, poder compreender um pouco dos mistérios da natureza e de Deus.

O pensamento de Boaventura é filosofia cristã; caminha sobre fundamentos dados pela fé. Proclama, sim, igual que todos escolásticos, que a filosofia se edifica com um saber natural mas na prática recorre a revelação. O entendimento humano, corrompido pelo pecado original, deixado a si só, alcança bem pouco (HIRSCHBERGER, 1971, p. 371, tradução nossa)²⁰.

Para o Doutor Seráfico, não é possível separar Filosofia e Fé. A Filosofia é este grande instrumento concedido por Deus para o homem conhecer toda criação divina e assim chegar ao seu Criador. Ela é limitada e falha se não se apoiar na Fé para poder compreender não só aquilo que está ao seu redor, a tudo aquilo que é natural, mas precisa ir além dos seus limites. Para a Filosofia sair de si, ela precisa auxiliar o homem a encontra-se com a realidade divina, preocupar-se com aquelas coisas que o tempo não pode apagar e não são efêmeras.

¹⁸GILSON, E. **La Filosofía de San Buenaventura**. Tradução de Esteban de Zuraire, Colección Thau. Buenos Aires: Editorial Desclee de Brouwer, 1948, p. 14.

¹⁹DE BONI, L. A. **Boaventura**: filósofo, teólogo e místico. Porto Alegre: Editora Fi, 2016, p. 33-39.

²⁰“El pensamiento de Buenaventura es filosofía cristiana; marcha sobre fundamentos dados por la fe. Proclama, sí, al igual que todos escolásticos, que la filosofía se edifica con un saber natural pero en la práctica recurre a la revelación. El entendimiento humano, corrompido por el pecado original, dejado a sí solo, alcanza bien poco” (HIRSCHBERGER, 1971, p. 371).

Para o Doutor Seráfico, toda especulação filosófica, para ser verdadeira , deve ser pensada e conduzida para Deus²¹.

Para Boaventura, é claro que a filosofia é o campo que corresponde à razão. Mas a razão não é razão pura, no estilo kantiano, mas a razão historizada e ferida pelo pecado original. Somente a fé devolve sua integridade. A fé serve ao homem como uma ortopedia da razão frágil e do pensamento débil (MERINO, 1993, p. 33, tradução nossa)²².

São Boaventura, como filósofo, sabe que o campo especulativo corresponde à razão, mas também ele acredita que a razão é frágil e debilitada devido ao pecado original. Como teólogo que ele é, acredita que somente a fé é capaz de devolver a integridade à razão. A razão, mesmo com toda a sua fragilidade e debilidade, é necessária ao homem, pois a Filosofia serve ao homem como caminho para ele chegar até Deus.

A fé é a única que tem a capacidade de sustentar a razão, que é frágil e debilitada. A fé é a única que pode ensinar e guiar a razão.

[...] em Boaventura, a fé não ocupa ou substitui a razão, mas simplesmente tem uma função pedagógica, na medida em que orienta e educa a mesma razão (MERINO, 1993, p. 34, tradução nossa)²³.

O homem precisa despertar-se para a verdade, pois ele carrega dentro de si a vontade de conhecer, conhecendo chegará à verdade, que é inquestionável.

Segundo Bettoni (1973), a atividade intelectual do homem desperta a aptidão e a exigência de progredir de verdade em verdade. Assim, o homem, através do conhecimento, pode chegar à grande verdade que toda pessoa deseja: Deus. Mesmo que as ciências possam trazer ao homem verdades sobre o mundo que o cerca, somente Deus pode preencher completamente a necessidade de verdade que o ser humano procura.

São Boaventura aprende de São Francisco o abandonar-se inteiramente nas mãos da Providência e que todas as ciências, que não conduzirem à Teologia, por

²¹VALDERRAMA, C. Filosofia Ejemplarista. **Franciscanum**: Revista de las Ciencias del Espiritu, Bogotá, v. 16, n. 47-48, maio/dez. 1974.

²²"Para Buenaventura, es claro que la filosofía es el campo que corresponde a la razón. Pero la razón no es pura razón, al estilo kantiano, sino razón historizada y herida por el pecado original. Sólo la fe le devuelve su integridad. La fe sirve al hombre como ortopedia de la razón frágil y del pensamiento débil" (MERINO, 1993, p. 33).

²³"[...] en Buenaventura la fe no reemplaza ni sustituye a la razón, sino que simplemente tiene una función pedagógica, en cuanto guía y educa a esa misma razón" (MERINO, 1993, p. 34).

ignorância, afastam o homem do centro de todas as ciências: adorar o supremo mestre²⁴.

São Francisco tem receio de que as ciências possam afastar o homem de Deus, por isso, no primeiro momento de fundação da Ordem, ele não estimulou muito os estudos para seus confrades. Conforme o tempo foi passando e clérigos começaram a ingressar, Francisco muda de ideia, mas sempre advertindo que a função de toda ciência é levar o ser humano a conhecer Deus.

São Boaventura consegue, de maneira inovadora, valorizar e estimular o conhecimento como algo fundamental dentro da Ordem dos Frades Menores, auxiliando não só na vida intelectual de seus confrades, mas também fornecendo meios para que os franciscanos pudessem unir as atividades pastorais e as acadêmicas, vida de oração e pregação²⁵.

Veuthey (1971) explica que, para São Boaventura, a Razão divina é a que aponta, mobiliza, conserva e estimula a razão da criatura através da inteligência criada no homem por Deus. A inteligência do ser humano deve sempre direcionar seu pensamento e sua capacidade intelectual para as coisas eternas, estimulando, no homem, a capacidade de saber escolher o que esteja de acordo com o Evangelho.

O uso dos símbolos para explicar as coisas invisíveis ou para justificar o inexplicável aos olhos humanos foi uma prática de alguns dos grandes pensadores da Antiguidade e da Medievalidade. Os traços, as retas e as paralelas faziam parte da reflexão de que tudo tinha uma proporção na natureza. Assim, ao considerar que o homem, pelo uso do intelecto, poderia verificar que tudo tinha uma explicação exata e na sua devida proporção, os estudiosos chegavam mais próximos da confirmação de Deus como criador das coisas (PERIN, 2008, p. 190).

Para Merino (1993), o exemplarismo²⁶ é a chave interpretativa de todo pensamento filosófico-teológico de São Boaventura, o verdadeiro segredo do exemplarismo consiste em um tríplice conhecimento: o conhecimento do Verbo incriado, por quem são feitas todas as coisas; o conhecimento do Verbo encarnado,

²⁴GEMELLI, A. **O Franciscanismo**. Tradução de M. Pimentel. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

²⁵SPEER, A. Boaventura: a certeza do conhecimento. In: KOBUSCH, T. **Filósofos da idade média**: coleção história da filosofia. 2. ed. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

²⁶VALDERRAMA, C. Filosofia Ejemplarista. **Franciscanum**: Revista de las Ciencias del Espiritu, Bogotá, v. 16, n. 47-48, maio/dez. 1974.

por quem são reparadas todas as coisas; o conhecimento do Verbo inspirado, por quem são reveladas todas as coisas.

Para o Doutor Seráfico, todo saber não pode ser compreendido em si, se não for “reconduzido” ao saber primeiro que está em Deus e no Verbo criador e revelador de todas as coisas²⁷.

São Boaventura compreende toda ciência apenas como um veículo divino, [...] a ciência é apenas um degrau, uma escada, um instrumento, que conduz a Deus, a quem, porém, o homem haverá de conhecer não pelas categorias do raciocínio, mas na pura contemplação (DE BONI, 2016, p. 62).

A Filosofia deve alimentar-se e ser iluminada pela fé para que, assim, a criatura racional possa compreender aquilo que ela ama e acredita. Sozinha, a Filosofia é perigosa, por isso precisa ser guiada pela fé, auxiliando na compreensão e fundamentação da Teologia. A Filosofia só tem sentido quando ela é reconduzida à Teologia²⁸.

Tanto a Filosofia como a Teologia possuem métodos diferentes, mesmo assim, complementares, que conduzem a Deus. A vida do ser humano é um peregrinar para Deus e o caminho que deve ser seguido é o da iluminação, que pode ser alcançado através do amor²⁹.

Na obra *De reductione artium ad theologiam*, São Boaventura explica que todo dom vem do Pai das luzes e que ele é a fonte e origem de toda iluminação. Mesmo a iluminação do conhecimento sendo interna, existem diversos tipos de luzes: a luz exterior corresponde a luz da arte mecânica; a luz inferior é a luz do conhecimento sensitivo; já a luz interior é compreendida como a luz do conhecimento filosófico e a luz superior que é a luz da graça e das Escrituras Sagradas³⁰. Deus é visto como fonte e criador de todas as luzes, sejam luzes que auxiliem o ser humano a produzir, cultivar, curar, combinar conhecimentos, raciocinar ou adorar. A luz do conhecimento veio para auxiliar o ser humano em suas necessidades temporais e espirituais.

²⁷GHISALBERTI, A. **De reductione artium ad theologiam di Bonaventura da Bagnoregio**. Milano: Veneranda Biblioteca Ambrosiana, 2017.

²⁸VASCONCELLOS, M. **O problema do mal**: a interpretação de São Boaventura. 3. ed. Porto Alegre: VERITAS, 2012.

²⁹GILSON, E. **La filosofia en la edad media**: desde los orígenes patrísticos hasta el fin del siglo XIV. Tradução de Arsenio Pacios y Salvador Caballero. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

³⁰DE BONI, L. A. (org.). **Boaventura de Bagnoregio**: obras escolhidas. Tradução de J. Jerkovic, J. e S. Schneider. Porto Alegre: Est. Sulina UCS, 1983.

Na “Recondução das Ciências à Teologia”, mostra o modo como concebe o saber filosófico. Situado acima das artes mecânicas e do conhecimento sensitivo, o lume filosófico encontra-se, porém, abaixo das Escrituras. Boaventura divide a Filosofia em racional, natural e moral, em conformidade com a verdade das palavras, das coisas e dos costumes. A primeira diz respeito às razões do inteligir e comporta a gramática, a lógica e a retórica; a segunda, refere-se às causas do ser e comporta a física, a matemática e a metafísica; por fim, a última, diz respeito ao modo de viver e comporta a monástica, a econômica e a política (VASCONCELLOS, 2012, p. 168).

Na concepção bonaventuriana, a busca da verdade é cristocêntrica e a Filosofia também deve conduzir-se para o Verbo encarnado. Toda a realidade só pode ser compreendida através da Revelação e de uma perspectiva filosófica que coloque Cristo como ponto de partida e de chegada para não cair em erros³¹.

São Boaventura entende que, se Cristo é nosso único e exclusivo Mestre, logo, nem Aristóteles nem mesmo Platão ou qualquer outro filósofo, representa a sabedoria; somente o bispo Santo Agostinho a possuía, e a possuía precisamente, pois estava sendo iluminado pelas luzes da Revelação³².

Todo conhecimento vem de Deus, dos conhecimentos mais simples aos mais complexos, daqueles que falam das verdades terrenas e daqueles que falam das verdades espirituais. Mesmo que o ser humano tenha dentro de si a iluminação de diversas formas de conhecimento, essa luz deve conduzir a criatura ao seu criador para que ela possa adorá-lo. Tudo vem do Pai das luzes e tudo deve retornar para Ele. O Doutor Seráfico, no *Breviloquio*, explica a importância da Teologia:

Só ela é, também, sabedoria perfeita, que começa com a causa suprema, enquanto princípio dos causados, onde termina o conhecimento filosófico (2); e passa por ela, enquanto remédio dos pecados; e retorna a ela, enquanto é prêmio dos méritos e fim dos desejos. E neste conhecimento encontra-se o sabor (3) perfeito, a vida e a salvação das almas. Por isso, deve ser inflamado o desejo de todos os cristãos em conhecê-la (4) (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO apud DE BONI, 1983, p. 16).

O conhecimento filosófico, mesmo utilizando a razão, é limitado, mesmo assim, ele pode conduzir o ser humano para a Teologia, a qual será responsável por encaminhar o crente até o princípio e causa suprema de todos os seres: Deus. Somente Ele é capaz de dar a salvação tão almejada pelas almas e assim satisfazer o principal desejo da humanidade.

³¹Ibid.

³²GILSON, E. **La filosofía de San Buenaventura**. Tradução de Esteban de Zuraire, Colección Thau. Buenos Aires: Editorial Desclée de Brouwer, 1948.

3 HOMEM RELACIONAL

Assim como o Bem é uno e trino, ele precisa expandir-se, pois ele é relacional. O ser humano, por ter sido criado a imagem e semelhança da Trindade, também tem a necessidade de relacionar-se. No *Itinerário da mente para Deus*, São Boaventura afirma:

Olha, pois, e observa que o soberano Bem é de tal modo perfeito, que nada melhor se pode pensar. E semelhante Bem é impossível concebê-lo retamente como não existente, porque ser é absolutamente melhor do que não ser (1). Por isso, para termos uma idéia exata do sumo Bem, é preciso concebê-lo como trino e uno. De fato, diz-se que “o bem tende, por própria natureza, a difundir-se” (b). E, pois, próprio do sumo Bem, difundir-se sumamente. A suma difusão, porém, deve ser, necessariamente, atual e intrínseca, substancial e pessoal, natural e voluntária, livre e necessária, indefectível e perfeita (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO apud DE BONI, 1983, p. 197).

A Santíssima Trindade é concebida como o Supremo Bem, princípio original de toda vida e de toda bondade. Obrigatoriamente, ela distribui, de maneira infalível, a bondade para toda criatura em uma relação de amor entre todas as pessoas, sejam elas imortais ou mortais. A expansão da bondade se dá a cada ser de maneira individual, plena, concedida de forma gratuita e essencial.

A perfeição interior é a elevação do ser através da bondade. O religioso que pretende trilhar o caminho rumo à perfeição interior, precisa buscar o encontro com Deus através dos atos de bondade e cuidado com o próximo. Todo aquele que estiver mais próximo e ajudar aqueles que padecem das necessidades humanas, está mais próximo de realizar a tão sonhada elevação. Elevar-se não é afastar-se, nem isolar-se dos que sofrem, mas estar junto, confortar, motivar, ajudar e despertar naquele que padece a grande finalidade da existência: estar com Deus³³.

São Boaventura conduz toda ação humana para o seu principal destino: unir-se a Deus³⁴.

Todo ser humano é um ser de relação. A Santíssima Trindade é pura relação entre as três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. O homem quer relacionar-se com a Trindade.

³³CRESTA, G. Buenaventura: el transcendental bien y la iluminación moral individual, **Notandum**, São Paulo, v. 12, n. 211, p. 5-11, set./dez. 2009.

³⁴MOREIRA, A. (org). **Herança franciscana**: Festschrift para Simão Voigt. Petrópolis: Editora Vozes e Editora da Universidade São Francisco, 1996.

Para Boaventura, é evidente que Deus não tem necessidade das criaturas. Se elas existem é porque ele as ama e porque o Bem tende a difundir-se e é a razão gratuita de tudo o que existe (MERINO; FRESNEDA, 2005, p.117).

Deus não precisa das criaturas, mas elas existem como prova de seu imenso amor-criador, amor que é ação, amor que transforma, amor que resgata, amor que tudo dá e nada pede. A única razão para a criação é o amor gratuito da Santíssima Trindade.

Deus quer gratuitamente relacionar-se com a pessoa humana. O eterno quer relacionar-se com o temporal, o infinito com o finito, o divino com o humano. O indivíduo pode, através de sua subjetividade, encontrar-se consigo, com os outros e com a divindade. Homem e Deus são seres abertos à relação intersubjetiva.

A definição da pessoa humana como relação, possibilita concebermos a existência humana dentro de um prisma inovador para o tempo de São Boaventura, mas também para o nosso. Essa compreensão considera a dimensão da subjetividade, não como única e principal realidade. Sugere e reconhece no humano a dimensão da finitude e do mistério, sem que isso produza um desespero, porque o próprio humano também é conexão e comunhão com a infinitude. A realidade humana como síntese do que há de mais divino no mundo e de mais humano em Deus resulta num ente que se faz permanentemente e, com isso, a identidade humana é e se faz no encontro com tudo e com todos. Com isso, a relação enquanto condição fundamental de definição do humano tem consequências fecundas para a Antropologia Filosófica (RODRIGUES, 2011, p. 135).

São Boaventura entende a mística como um meio de comunicação do homem com Deus, encontro estabelecido em uma relação afetiva e efetiva do divino com o humano³⁵. O caminho da espiritualidade provoca o homem a desacomodar-se, é preciso sair de si para encontrar o outro. É necessário ter coragem e tomar decisões, mudar de vida, converter-se para mostrar ao mundo que é possível uma vida nova assumindo as consequências das novas escolhas guiadas pelo Evangelho.

Para São Boaventura, o homem, na sua capacidade de conhecimento e amor, entrega-se ontológica e intimamente a Deus, a Santíssima Trindade como resposta, entrega-se de forma pessoal e amorosa infundindo na alma humana, a graça e as

³⁵ROLANDETTI, V. Esperienza metafisica ed esperienza mistica. In: Congresso internazionale per il VII centenario di San Bonaventura da Bagnoregio – Bonaventura: um sapere che ama ed um amore che sa. San Buenaventura Maestro di vita franscescana e di sapienza Cristiana, 2, 1974, Roma. **Anais**. Pontifícia Facolta Teológica San Bonaventura, 1974.

virtudes. O homem, na sua capacidade e confiança, entrega-se totalmente o seu ser em uma relação de reciprocidade amorosa com a Santíssima Trindade. Entregar-se é um ato de esperança para quem se entrega, e um sinal de desapego do seu próprio querer. Tudo aquilo que é confiado a Deus, é retribuído de forma gratuita com a graça e as virtudes necessárias para o ser humano progredir em perfeição³⁶.

Iammarrone (1975) afirma que, para São Boaventura, a pessoa é relação, refletindo assim a ideia que a Trindade é relação fundada sobre o amor. O fundamento de toda relação, seja ela divina ou humana, é o amor, este entendido como caridade, amor como entrega total de seu ser para o outro que o aguarda.

Na verdade, tanto para Sto. Agostinho como para Sto. Tomás de Aquino e S. Boaventura, quanto mais a pessoa vai ao encontro de si mesma, mais encontra um Outro que não é ela, e encontra aquele verdadeiro Eu divino. Na raiz mais profunda e original do Eu encontra-se o outro, a abertura do ser humano para Deus. É a face de Deus no nosso âmago. No centro da alma que o ser humano é a imagem e semelhança de Deus. Sabemos que a prática no movimento franciscano revela toda uma espiritualidade centrada na fraternidade, relacionada com Deus Trindade, baseada na S. Escritura, referida à comunidade eclesial, com a consciência de que todas as criaturas são vestígios de Deus, com espírito inclusivo em relação à humanidade, a começar pelos excluídos os quais se tornam mediação decisiva no processo de conversão (SCHWERZ, 1994, p. 51).

O autoconhecimento, para o Doutor Seráfico, não é apenas um conhecimento de si, mas deve ser um conhecimento relacional consigo, com Deus, com o mundo e com as outras pessoas³⁷.

O homem é o fim relativo de todas as criaturas e está entre a vida da Santíssima Trindade e o mundo material da vida³⁸. O homem e o mundo são os meios imprescindíveis para que Deus seja conhecido. Deus não é um conceito, mas uma realidade que é possível ser acessada. O homem e o mundo por muitas vezes foram vistos como algo que pode afastar de Deus, mas, em São Boaventura, eles recebem um novo significado, são o principal caminho para aqueles que querem ter uma experiência com a Santíssima Trindade.

³⁶ARMELLADA, B. Simbolismo metafísico y espiritualidad en San Buenaventura. In: Congresso internazionale per il VII centenario di San Bonaventura da Bagnoregio – San Buenaventura Maestro di vita francescana e di sapienza cristiana, 2, 1974, Roma. **Anais**. Pontificia Facoltà Teologica San Bonaventura, 1974.

³⁷MANFERRINI, T. S. **Bonaventura filosofo del linguaggio**: S. Bonaventura (1274-1974). Roma: Grottaferrata, 1973.

³⁸GONÇALVES, J. C. **Homem e mundo em São Boaventura**. Braga: Editorial Franciscana, 1970.

O homem, para Boaventura, é concebido como termo médio da criação, contendo a síntese de todo universo como um microcosmos, pois partilha da forma dos simples minerais em seu corpo, como da forma angélica em sua alma. [...] Na concepção antropológica bonaventuriana, Deus deixa-se mostrar no ser humano muito mais que nas demais criaturas, já que ele é sua imagem e semelhança. Por isso, o rosto de cada ser humano é um sacramento eloquente das maravilhas do Criador (DA SILVA, 2005, p. 86).

O ser humano é o sacramento visível do Criador. O Criador dignifica sua criatura ao enviar seu filho encarnado. Para selar o seu comprometimento com a humanidade, Deus envia seu filho Jesus, homem e Deus.

A valorização da individualidade humana no pensamento bonaventuriano tem por pretensão refutar qualquer desconfiança de que a vivência franciscana possua algum cunho panteísta. Em Boaventura, o ser humano é pessoa, diferente de tudo, mas ligado a tudo (pessoa-relação). Através dos cinco sentidos, ele se liga a todo o universo, e este, por sua vez, se mostra a ele pelos mesmos sentidos. Nesse entender, o ser humano abre-se a todos, numa profunda relação de irmandade. Assim, justifica-se o porquê da fraternidade, pois é nela que cada ser humano encontra novamente o sentido de sua existência, nela é singular mas ligado, nela é pessoa relação (DA SILVA, 2005, p. 87).

Para São Boaventura, o ser humano é único, criatura, imagem e semelhança de seu criador. Assim como o homem precisa relacionar-se utilizando dos sentidos para conseguir sair de si, Deus também quer relacionar-se com sua criação, por isso Ele manifesta-se através do ser humano.

ARNS explica que São Boaventura, em seus escritos,

Dirige-se ao homem, e ao homem todo, mergulhado na criação universal, com o fim de concretizar a harmonia que aí estabeleceu o Verbo de Deus desde toda a eternidade. Creio que seria desnecessário insistir que toda a interpretação dos textos bonaventurianos devem respeitar esta perspectiva de místico (ARNS, 1958, p. 34).

O ser humano não está apenas inserido na criação, mas ele é a grande obra do Criador, a qual o Verbo eterno escolheu para encarnar-se e, assim, sacralizar de vez tudo aquilo que foi criado. Tentar compreender a importância da Encarnação da promessa de Deus é aprender a respeitar e valorizar o ser humano e suas potencialidades.

A interioridade bonaventuriana repousa também no mistério da Encarnação de Cristo, pois ainda que nossa alma seja adornada de virtudes, ainda que nossa razão esteja iluminada pelas ciências, não pode entrar em si mesma se não for por meio do Verbo, que é a vida da alma (BELLEI, 2006, p. 77).

O homem, para poder trilhar o caminho da interioridade, precisa compreender que, por mais qualidades que ele tenha, ou por mais capacidades que ele julgue possuir, sua introspecção espiritual só é possível devido a Encarnação do Verbo divino.

O conceito de História bonaventuriana é cristocêntrica, diferente da visão de Joaquim de Fiore, para a qual a encarnação de Jesus Cristo não é o centro. Para todo cristão, o princípio e finalidade de toda História é a promessa da vinda do messias, anunciada pelos profetas no Antigo Testamento e a sua encarnação, morte, ressurreição e vinda definitiva relatada no Novo Testamento³⁹.

No próximo capítulo, ficará evidenciada a compreensão bonaventuriana da Perfeição Evangélica: Pobreza, Obediência e Castidade como virtudes a serem praticadas.

³⁹CAPANAGA, V. La mediación de Cristo em la filosofía de san Agustín y san Buenaventura. **Revista AVGVSTINVS**, Madrid, v. 19, n. 75/76, jul./dez. 1974.

4 SÃO BOAVENTURA E A PERFEIÇÃO EVANGÉLICA

São Boaventura, como franciscano, entende perfeitamente que a maneira de viver dos frades menores, deve espelhar aquele que eles assumiram como modelo para si, São Francisco de Assis.

Testemunhar, com suas vidas, aquilo que abraçaram com sua fé, ser como Jesus para os que precisam e a cada dia lutar contra os vícios e tudo aquilo que pode afastar a criatura de seu Criador, o discípulo de seu mestre, construir a vida espiritual e fraterna para um dia chegar à perfeição cristã através dos três Conselhos Evangélicos: Pobreza, Obediência e Castidade.

Calvário (2009) explica que, para Guilherme do Santo-Amor, nas suas obras *De quantitate eleemosynae* e *De valido mendicante* de outubro e dezembro de 1255, nem Cristo ou os Apóstolos pediram esmolas para viver, pois tinham sempre consigo uma bolsa para guardar o dinheiro e que eles também tinham propriedade comum. Querer renunciar à propriedade privada e comum é querer ser superior ao Mestre de Nazaré.

Como resposta às questões levantadas por Guilherme do Santo-Amor e outros mestres seculares, que teimavam em afirmar que a pobreza assumida pelos Mendicantes, era contrário ao próprio Evangelho, São Boaventura escreveu o *De Perfectione Evangelica* (1255-1256) e o *Apologia pauperum* (1269). Trata-se de um problema ético, em linguagem teológica, algo que era muito próprio do período medieval, do qual o autor, como grande pensador da Ordem franciscana, precisava dar conta. Saber utilizar a filosofia como instrumento para defender suas convicções religiosas foi o que garantiu a beleza de todas as suas obras.

Segundo Gomes (2013), as divergências entre o Clero Secular e os Religiosos Mendicantes no começo se restringiam a um aspecto de ordem pastoral, mas, com o tempo, as coisas foram mudando. A Ordem franciscana expandiu tanto em números de frades quanto ampliou seu domínio geográfico, despertando assim cada vez mais a preocupação, a inveja e a insegurança dos Clérigos Seculares que estavam acostumados a receberem todos os privilégios, sejam eles de cunho acadêmico ou pastoral.

O movimento franciscano trouxe consigo a esperança de uma vivência apostólica primitiva.

Gomes (2013) explica que, com o tempo, a *fraternitas* acabou consolidando-se como Ordem Religiosa, à qual os papas, desde Inocêncio III até Gregório IX e Alexandre IV, tinham uma confiança maior no cuidado pastoral dos franciscanos com o povo de Deus, pois eles se dedicavam integralmente ao ministério apostólico. O privilégio pastoral que até então era exclusivamente do Clero Secular, acaba sendo abalado com a chegada das novas Ordens religiosas.

A corrupção do Clero Secular, a falta de comprometimento com o Evangelho e a omissão com aqueles que mais necessitavam de auxílio, favoreceu os franciscanos.

Não se trata apenas de defender uma Ordem religiosa fundada por um homem, que por sinal até hoje inspira multidões, como foi o caso de São Francisco de Assis, mas refutar o pensamento de poder e domínio que muitos Clérigos Seculares exerciam sobre os Religiosos, inclusive negando-lhes o direito de pregar em público. É uma luta também por liberdade de expressão para toda uma família religiosa que estava mudando não só a Itália, mas todos os lugares onde os franciscanos se faziam presentes.

São Boaventura lutou para que seus confrades, além da formação intelectual, a qual ele tanto zelava, também tivessem a formação de pregadores, porém, sem perderem o norte dos principais valores inspirados por Francisco: em tudo imitar a maneira de ser e agir como Cristo. Saber definir e distinguir os conceitos, raciocínios, conhecer os grandes filósofos e teólogos era o mínimo que o Doutor Seráfico mostrava como bom pregador e professor que era.

Para São Boaventura, seguir os passos do Pai Seráfico é ter a certeza que tudo aquilo que for imitado e vivido por qualquer discípulo franciscano, é estar se configurando ao próprio Cristo e chegando mais perto da tão almejada perfeição.

A expressão “perfeição evangélica” também é no opúsculo de “perfeição cristã”, equivale àquilo que, nos *Commentaria in quator libros Sententiarum*, Boaventura chama ora de *religio perfectionis*, ora de *perfectio religionis*. Essas expressões, por sua vez, correspondem ao “*seguere vestigia Christi*” e ao “*vivere secundum formam sancti Evangelii*” com os quais Francisco de Assis se refere à forma de vida de perfeição evangélica que lhe foi revelada pelo Senhor (GOMES, 2013, p. 35-36).

O Senhor-Deus revela ao pobre de Assis como é possível trilhar o caminho rumo à perfeição evangélica. Viver conforme o Evangelho é conseguir imitar a

maneira de ser do Mestre Jesus. São Francisco de Assis conseguiu vivenciar e demonstrar que é possível transformar uma vida de vícios em uma vida virtuosa através da humildade, da pobreza, da castidade e da obediência.

Para Boaventura de Bagnoregio (1972), todos os argumentos sobre a Perfeição Evangélica formam um sistema que serve como defesa das acusações de Guilherme do Santo-Amor: a humildade é o fundamento da vida cristã defendendo assim a mendicância voluntária; a obediência como mantenedora da unidade da Igreja e subordinação ao Sumo Pontífice; a castidade, como dominadora das paixões e encaminhadora delas conforme a vontade de Deus. A perfeição cristã está cercada sempre pela graça, justiça e sabedoria vinda daquele que é caminho, verdade e vida, Cristo Jesus. A virtude perfeita não só afasta os vícios, mas também suas causas. A virtude é um hábito da mente que convém a razão segundo a própria natureza. O fundamento de toda virtude cristã é a humildade, cujo ato é o menosprezo interior e exterior.

O Doutor Seráfico explica que: “Como o princípio de todos os pecados é a soberba, assim o fundamento de todas as virtudes é a humildade” (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO apud DE BONI, 1983, p. 411).

São Boaventura acreditava que, assim como Cristo aniquilou-se, esvaziou-se de toda sua humanidade e divindade, todo cristão, em sinal de perfeita virtude e imitação do Mestre, deve menosprezar-se. O menosprezo consigo é a grande virtude e vitória de si mesmo, pois a soberba é a grande mãe de todos os vícios.

Na obra *De Percetione q.1., De humilitate*, Cristo é apresentado como o modelo da perfeição cristã a ser seguido e que o menosprezar-se também faz parte da virtude. A sinceridade perante Deus é vista como um ato perfeito, menosprezar-se é reconhecer-se e vencer a si mesmo. Jesus, ao morrer na cruz, chega ao máximo da degradação humana e quanto mais perfeito o discípulo quer ser, precisa aproximar-se da humildade contida nas palavras e atos do Mestre, pois é próprio da humildade a humilhação interna e externa⁴⁰.

⁴⁰BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Obras de San Buenaventura**. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1972. p. 69.

4.1 POBREZA

No *De Perfectione q.2.a.1, De paupertate*, São Boaventura explica que o ser humano tem uma carência natural, nasce completamente nu e precisa de meios artificiais para abrigar-se ou vestir-se. Precisa dos meios naturais para sua alimentação e desenvolvimento.

De forma ontológica, o conceito bonaventuriano da pobreza, como uma dependência dos seres para com o Ser, os seres não conseguem viver por si, vivem do Infinito que lhes dá esmola de ser. Tudo o que os seres pensam em ter, não é deles, apenas é uma dádiva do Ser. Os seres precisam do Ser para viverem e são capazes de reconhecer sua dependência e gratidão⁴¹.

São Francisco de Assis via, na pobreza de Cristo e dos apóstolos, a grande virtude para ser imitada.

O problema da pobreza surgiu no ocidente medieval a partir do século XIII e tem como ponto principal a polêmica da relação de Cristo e dos apóstolos com a propriedade. De modo geral, os franciscanos viam Francisco de Assis, o fundador da ordem, como um homem que via a pobreza como a maior de todas as virtudes. Assim sendo, ele pregava um modo de vida simples, sem ostentação, e, por isso, cada frade deveria viver somente do necessário para a sobrevivência do corpo. As acomodações deveriam ser o mais simples possível (ZANELLA, 2013, p. 198).

São Boaventura continua: “Também a virtude da pobreza é tão necessária à perfeição que, sem ela, ninguém pode ser perfeito” (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO apud DE BONI, 1983, p. 415).

Boaventura de Bagnoregio (1972) acredita que é próprio da perfeição cristã não possuir nada neste mundo, por amor a Cristo, nem em comum e nem em privado. A estreita pobreza convence a natureza, a Escritura e a graça, persuade Cristo nos instruindo, conversando e inspirando a todos a menosprezar as coisas terrenas e amar as celestiais através do Espírito Santo.

Para São Boaventura, é preciso transcender tudo aquilo que é terreno para o homem conseguir tesouros no Céu. Através da transcendência, é possível escolher pelas coisas que são eternas e que agradam o Criador.

⁴¹COIMBRA, L., S. **Francisco de Assis**: visão franciscana da vida. Porto: Maranus, 1927.

O Doutor Seráfico, ao escrever para suas filhas espirituais, afirma que é necessário ser cada vez mais amante da pobreza professada, imitador da pobreza evangélica, para, assim, ser agraciado com vários bens, sejam eles temporais ou espirituais. Caso desprezem a pobreza abraçada pelo voto, carecerão de todos os bens, sejam eles espirituais ou temporais⁴².

Quando o religioso assume a pobreza por amor a Cristo, é um ato de voltar ao seu estado primitivo de indigência. Abraçar a pobreza em nome do Evangelho deve ser um ato individual, pois o religioso fez a experiência íntima com Jesus e percebeu que o despojamento e a humildade conduzem o fiel a ser mais próximo ao que Cristo foi no meio dos homens, assumir a pobreza coletivamente é sinal de fidelidade aos ensinamentos de Jesus e seus discípulos que ficaram encarregados de continuar a sua maneira de ser.

O ser humano iludido pensa que tudo ele precisa, mas, na verdade, ele nada tem que seja realmente seu. Apenas uma coisa ele precisa: o amor de Deus, o qual se manifesta através da partilha e da renúncia do egoísmo e da entrega da sua vontade.

Para Boaventura de Bagnoregio (1972), aquele que imita perfeitamente Jesus apaga dentro de si todo apetite pelas riquezas e principalmente renuncia a tudo, quem renuncia a tudo em privado e em comum é aquele que, com mais perfeição despreza tudo, mais digno de louvor a pobreza em quem maior for a privação de tudo.

A vida de Jesus narrada através do Evangelho é o modelo para todo aquele que quer encontrar-se com Deus. Ao saber da existência de Jesus, dos seus feitos e de como é possível mudar de vida ao imitar sua maneira de ser, o religioso precisa decidir e escolher renunciar a tudo por amor ao Reino dos Céus.

A verdadeira pobreza é aquela que provoca no homem a negação da própria vontade. A vontade de querer ter é substituída pelo saber renunciar a tudo para, assim, estar mais perto daquilo que Cristo ensinou: saber viver com pouco e confiar na Providência. Acolher e assumir a pobreza como reflexo daqueles que aceitaram ser como Jesus que foi pobre é o mínimo que um discípulo pode fazer.

⁴²DE BONI, L. A. (org.). **Boaventura de Bagnoregio**: obras escolhidas. Tradução de L. A. de Boni, J. Jerkovic e S. Schneider. Porto Alegre: EST SULINA UCS, 1983.

Há duas coisas que a qualquer religioso, mesmo a qualquer pessoa, devem incitar ao amor da pobreza. A primeira é o exemplo divino, que é irrepreensível. A segunda é a promessa divina, que é inestimável. O que, antes de tudo, deve inflamar-te no amor à pobreza, é o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, pois ele foi pobre no nascimento, pobre na vida, pobre na morte (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO apud DE BONI, 1983, p. 415).

O religioso deve ser alguém que almeja estar mais próximo da perfeição e, para isso, precisa constantemente vigiar a sua maneira de ser e imitar integralmente aquele que é perfeito na maneira de agir: Cristo Jesus. Esse Mestre também ensinou seus discípulos a amarem e assumir a pobreza como consequência de sua entrega nas mãos da Providência.

Todo aquele que se depara e ouve as palavras de Jesus contidas no Evangelho, todo aquele que consegue olhar para sua vida e quer mudar, observa atentamente e quer ser alguém como o próprio Mestre, sendo que, para isso, é necessário mudar de vida. Só é possível mudar, seguindo o exemplo de Cristo, que foi irrepreensível em sua maneira de agir e pensar.

Para São Boaventura, aquele que ama a pobreza, ama o próprio Cristo que se encarnou pobre, viveu, morreu e ressuscitou da mesma maneira.

Ser pobre é estar mais perto de Deus e de seu amor. Todas as coisas efêmeras não podem impedir um ser que quer a liberdade para, assim, fazer a vontade de Deus através de tudo aquilo que o cerca.

A pobreza, não por nada, é a última a ser tratada. Ela é “o fundamento primeiro de todo o edifício espiritual”. Essa é uma inovação franciscana, que toma o seguimento de Cristo, em primeiro lugar, como um seguimento na pobreza. Imitando a São Francisco, deve-se, pois, estar despojado de todos os bens, e quanto mais despojado se é, mas livre se é para amar a Deus e ao próximo. Faz sentido que a primeira bem-aventurança, anunciada por Cristo no Sermão da Montanha, diga: “Bem-aventurados os pobres porque deles é o reino dos céus” (Mt. 5,3). Na pobreza, se inclui o abandono de si mesmo, a aspereza da vida, a disponibilidade para com o próximo e outras virtudes. Ser pobre não é apenas não possuir bens materiais, pois alguém pode ser despojado deles e, no entanto, viver voltado para a aquisição dos mesmos. A pobreza se radica no espírito, não na simples falta de bens (DE BONI, 2016, p. 191-192).

A visão franciscana de pobreza é poder participar das Bem-aventuranças pregadas por Cristo. Fazer-se pobre por amor ao Reino dos Céus. Despojar-se completamente de todas as vaidades, cobiças, segurança material, e confiar que a caridade também é capaz de suprir as necessidades diárias.

Para a construção da vida espiritual, é necessário dar-se conta que tudo é dádiva, e, também, passageiro. Apegar-se aos bens materiais ou às pessoas que estão ao redor é uma forma de escravidão. Ser escravo dos vícios, dos bens, dos cargos, vai totalmente contra a doutrina de Jesus.

A pobreza evangélica é um dos instrumentos de libertação terrena que Cristo deixou para seus seguidores. Ir aos poucos construindo a vida espiritual é conseguir perceber que o agora, é o momento de não se apegar, mas sim estar disponível para o amor de Deus que se reflete no cuidado e amor a Cristo através do próximo. Ser pobre é abandonar-se nos braços de Deus e poder confiar na caridade.

Segundo Boaventura de Bagnoregio (1972), a virtude da pobreza é vista sob dois aspectos: renúncia de todas as coisas, tanto em particular como em comum, e sendo próprio da perfeição cristã; e mendicância como prática imitadora da maneira de ser como Jesus.

A pobreza como virtude, tão defendida pelos Mendicantes: dominicanos⁴³ e, mais especificamente, evidenciada pelos franciscanos, trouxe uma nova maneira de pensar as escolhas, as ações humanas e seus efeitos na vida das cidades europeias que cresciam, mudando a maneira de pensar do Séc. XIII em muitos aspectos, conforme a obra de São Boaventura busca elucidar.

Até então, a pobreza era vista como sinal de praga, desgraça, maldição ou consequências das más escolhas feitas durante a vida. O Doutor Seráfico consegue desfazer todos os conceitos até então defendidos pelos antigos pensadores e interiorizados pela sociedade.

À luz de São Francisco de Assis, ele defende que não se trata de engrandecer a miséria, mas fazer uma crítica a toda opulência e frivolidade, mostrando que é possível ser feliz com o necessário para sobreviver. Foi por este motivo que suas obras receberam críticas ferrenhas, devido à desestabilidade social e conceitual que ela trazia a todos que a liam e a estudavam.

Na obra *De Perfectione Evangelica, q.2, a.2, conc.*, ele explica a diferença entre dois tipos de pobreza: a pobreza voluntária e a pobreza involuntária, sendo a primeira como forma e expressão plena daqueles que, podendo ter tudo, renunciaram,

⁴³Ordem Religiosa fundada por São Domingos de Gusmão em 1215 (Ordem dos Pregadores), a qual pertenceu São Tomás de Aquino, com quem São Boaventura tinha uma profunda relação de amizade, apesar de algumas divergências filosóficas.

por amor a Deus, entregando suas vidas aos cuidados dos mais pobres, pois Cristo manifesta-se nos pobres. Conforme Calvário,

na Lei Antiga, a posse de muitos bens materiais significava que Deus era favorável ao homem. Admitia-se que a bênção de Deus se reflectia na vida do fiel. Caso este tivesse muitos bens então isso era interpretado como sinal de que Deus estava agradado com ele. Caso fosse uma vida miserável só podia significar que o homem tinha transgredido a Lei e por isso a miséria era entendida como um castigo pelos pecados cometidos. Se a pobreza é um processo de afastamento dos bens terrenos e um acercar do bem eterno e, por conseguinte, da beatitude, porquê o cuidado com os pobres? Não estão eles no caminho para a perfeição? São Boaventura distingue dois tipos de pobreza, a evangélica, que é voluntária, e uma involuntária. Esta última, em vez de ser caminho de beatificação, conduz ao pecado. Só a pobreza como consequência de uma decisão voluntária é que conduz à *iustitia perfecta* (CALVÁRIO, 2009, p. 58).

Para São Boaventura, o problema não é ter as coisas, mas ter claro que elas são apenas um meio para melhorar a vida individual ou em comum, e não um fim em si mesmo. O ser humano não pode ser escravo daquilo que ele mesmo criou ou depender de coisas efêmeras, pois tudo passa, apenas aquilo que é conquistado no Reino dos Céus é capaz de permanecer.

É possível que o ser humano seja possuído pela soberba, avareza e ganância, que os bens materiais podem gerar. Ele também afirma que existem pobres que, mesmo sem possuir muita coisa, acabam sendo avarentos. Conforme está em *De Perfectione Evangelica*, q. 2., a. 2, para. 8. “O pobre que deseja ser saciado, é pobre que não ama a pobreza, mas a saciedade; não ama a penúria, mas a abundância”.

As pessoas tendem a preencher o vazio de suas vidas com bens, prazeres, honrarias e acabam esquecendo que tudo é passageiro, que apenas uma coisa fica, aquilo que o tempo não pode apagar, tudo aquilo que for direcionado dignamente para honrar a Deus.

O amor a Deus, o conhecimento que leva as pessoas a conhecerem a verdade plena, a vida fraterna, a pregação, o serviço prestado ao próximo de maneira caritativa, os atos de fé, amor como doação, cuidado e preservação, demonstram a concepção nuclear do franciscanismo em relação a tudo que nos cerca, a ação que melhor expressa a virtude não é o possuir, mas o cuidar. Isto não é menosprezar ou negar a existência e importância das coisas que fazem parte da

vida. Tudo aquilo que faz parte do cotidiano tem a sua essência e finalidade, porém, elas devem conduzir o homem ao bem maior: amar a Deus e ao próximo.

As crises e problemas que aconteceram com São Boaventura, seus confrades e demais intelectuais europeus da época, desperta em nós uma pergunta: Como pode a pobreza evangélica gerar tamanha discussão? Se levarmos em conta que os principais mestres Seculares de Paris sentiram-se ameaçados, não por uma questão apenas intelectual, mas ética, pois se via, na pobreza, uma possibilidade de desprendimento e, também, uma forma diversa de agir consigo e com os outros, o que levou o séc. XIII a uma mudança sociológica radical.

Não quero mais para mim, mas quero que o outro também tenha aquilo que é digno, justo e necessário. Como é possível ser caridoso? Qual o motivo para que a caridade seja praticada? A fé é um dos grandes dons que instiga o praticante a querer conhecer o divino, fazer sua experiência mística. A fé é geradora e transformadora da realidade. Ser cristão é ser alguém que realiza atos de desprendimento, pois aquele que tudo entrega, receberá tudo de outra forma.

O próprio “ser” Mendicante dos Frades Menores e Pregadores é um sinal vivo de que a pobreza gera a entrega e confiança, não somente em Deus, mas principalmente na esperança que as pessoas conseguem sair de seu egoísmo quando percebem a mudança na forma de relacionar-se com os outros.

Diante do consumismo que aparece em todos os lugares e acaba gerando filhos que o sustentem, fica evidente que a pobreza vista como desprendimento, cuidado com o próximo e responsabilidade com o meio ambiente é uma das grandes respostas aos anseios do Séc. XXI de como conviver em equilíbrio com o “si mesmo”, em sociedade e com a natureza. Nesse âmbito, Luis A. De Boni explica o ideal franciscano da pobreza:

Francisco de Assis e seus primeiros companheiros querem viver na mais radical pobreza. Em 1222 na “regra não bulada” está dito: “Todos os irmãos, onde quer que estejam junto a outras pessoas, não sejam camareiros ou chanceleres, nem presidam as honras daqueles a quem servem; nem aceitem qualquer cargo que provoque escândalo e prejuízo para a alma, mas sejam menores e submissos a todos os que residem na mesma casa... Cuidem os irmãos de não se apossar de nenhum lugar ou coisa, nem tomem a defesa de propriedades alheias... Se encontrarmos dinheiro, não lhe demos importância e o consideremos com a poeira que calcamos aos pés... Quando for necessário, os irmãos peçam esmolas. E não devem envergonhar-se, mas lembrar-se sobretudo que Nosso Senhor Jesus

cristo... não se envergonhou. Foi pobre, peregrino, viveu de esmolas, ele com seus discípulos" (DE BONI, 2003, p. 215).

Francisco de Assis abraça Cristo através da radicalidade evangélica vivida. Aqueles que o seguem, identificam Francisco, o pobre de Assis, como Cristo.

Na simplicidade de sua vida, no atendimento aos doentes, no partir o pão com os pobres, no consolar e viver com os que sofrem, foram formas que também os franciscanos conseguiram para trazer o Evangelho para perto daqueles que eram marginalizados, trazer a presença de Cristo aos pequeninos do Reino.

Valorizar, amar e servir aos desfavorecidos, viver conforme a Providência encantaram os primeiros seguidores de Francisco.

A maneira de ser de Francisco é o caminho que cada frade deve seguir. Cada frade deve tomar cuidado para que as honrarias, as posses, a autoridade, o poder mundano e nada daquilo que os cercam, possam afastá-los do grande projeto que o Francisco sonhava para todos os seus filhos espirituais, ser como Jesus foi.

Aprofundando este mesmo tema, o trabalho de Manuel Lázaro Pulido afirma:

A pobreza é uma realidade muito presente na vida franciscana e, portanto, no pensamento de São Boaventura. Mas não é apenas um conceito teológico, mas também tem uma grande influência em sua filosofia. A pobreza prepara para a filosofia (atitude filosófica) e é uma categoria metafísica. A atitude filosófica para a qual a pobreza nos prepara não é inteiramente original em São Boaventura, mas conhece as fontes do que poderíamos chamar de filosofia da pobreza e aprofunda a busca da filosofia grega através da tradição cristã, São João Crisóstomo, Santo Agostinho e São Bernardo de Claraval (PULIDO, 2007, p. 161, tradução nossa)⁴⁴.

A pobreza evangélica está na essência da espiritualidade e vida franciscana, principalmente no pensamento daquele que a argumentou e a sistematizou de maneira filosófica e teológica, São Boaventura.

A atitude filosófica de compreender a pobreza como uma virtude não é mérito do Doutor Seráfico, assim também como utilizar a filosofia e a teologia como instrumento de defesa da pobreza. São Boaventura e Santo Tomás conseguiram

⁴⁴"La pobreza es una realidad muy presente en la vida franciscana y, por lo tanto, en el pensamiento de san Buenaventura. Pero no se trata solo de un concepto teológico, sino que tiene también una gran influencia en su filosofía. La pobreza prepara para la filosofía (actitud filosófica) y es una categoría metafísica. La actitud filosófica a la que nos prepara la pobreza no es del todo original en san Buenaventura, sino que conoce unas fuentes de lo que podríamos llamar filosofía de la pobreza y que profundiza la búsqueda griega de la filosofía a través de la tradición Cristiana, a saber, san Juan Crisóstomo, san Agustín y san Bernardo de Claraval" (PULIDO, 2007, p.161).

unir a razão e a fé para garantir a permanência das atividades dos franciscanos e dos dominicanos.

Para compreender a espiritualidade franciscana, é necessário observar que o discípulo, quando abraça Cristo, assume para sua vida um compromisso de viver na pobreza, viver como um pobre, servir e amar os irmãos mais necessitados e menos favorecidos, pois neles está a presença viva do Messias.

Porém, sem dúvida, a forma como São Boaventura traz o problema para o seio da reflexão filosófica em pleno séc. XIII é mérito da forma como sua reflexão assimila o franciscanismo, sobretudo, na ética. Para ele, a pobreza é uma virtude, que cultivada, transforma o ser do homem, tornando-o capaz de relações mais justas em todos os níveis da vida.

Segundo Agamben (2014), na obra *Apologia pauperum* (1269), São Boaventura explica que as relações com as coisas temporais podem ser: a propriedade, a posse, o usufruto e o simples uso. Para ele, o único que é irrenunciável e imprescindível para a vida das pessoas é o uso. Os franciscanos que seguem e imitam Cristo pobre, renunciaram ao direito de propriedade, com exceção do uso das coisas conforme a necessidade dos frades.

Para Pulido (2007), *a senhora santa pobreza* é, antes de tudo, uma experiência religiosa de fé e um elemento configurador desde a espiritualidade de uma forma de viver apostólica e evangélica, mas também é, a partir do trabalho e testemunho dos primeiros mestres da Ordem franciscana, um elemento de reflexão teológica e filosófica que recorre a um caminho de interiorização, enquanto elemento incentivador e estimulador da própria maneira de ser cristão; e de exteriorização, enquanto é uma expressão de novidade em um mundo em constante mudança de uma nova forma de religiosidade em um século de transformação social e econômica que foi o século XIII.

Segundo Gomes,

[...] não se trata somente da renúncia dos bens em si mesmos, mas também do desejo de possuí-los, da chamada *cupiditas*. Assim, a pobreza da qual aqui se fala não somente implica a renúncia de fato dos bens, mas até mesmo o desejo de vir a possuí-los. E isso diz respeito a uma condição humana natural, pois caracterizava o estado originário do ser humano: Mas a própria natureza, instituída ou decaída, abre caminho para a pobreza. De fato, nu foi formado o homem e, se naquele estado tivesse ficado firme, de nada, absolutamente, teria se apropriado. Verdadeiramente, nu nasce o homem decaído, nu morre. E, por isso, este é o caminho mais reto, do qual

não desviando – na medida daquilo que a natureza permite – nem à direita, nem à esquerda, nu e pobre ele avance. Desse modo, a pobreza, enquanto renúncia total dos bens, representa o antídoto perfeito contra aquelas que constituem as raízes de todos os males, a *cupiditas* e a *avaritia* (GOMES, 2013, p. 41-42).

Estar no mundo e não ser do mundo é aquilo que todo seguidor de Cristo precisa compreender e viver. É necessário renunciar para poder estar mais perto de Deus e confiar em seu amor providencial.

Quem segue os passos de Francisco deve renunciar aos bens, até mesmo a própria vontade de ter, para afastar a cobiça e a avareza de dentro de si.

O homem nasce e acaba esquecendo-se da brevidade da vida, esquece que os bens que ele deve possuir e carregar são aqueles que nem a traça ou a ferrugem podem acabar com eles.

Para De Boni (2003), a maneira como os franciscanos viviam voluntariamente o despojamento individual e comunitário dos bens, acreditavam que estavam imitando o mestre da pobreza, Cristo Jesus, mudava, assim, o conceito de desgraça social, que era a pobreza para fins de virtude e aperfeiçoamento. Conforme a necessidade dos frades, eles deveriam esmolar, pois Cristo viveu pobre, peregrino, esmolando na companhia de seus seguidores.

A proposta de Francisco era que cada franciscano fosse capaz de imitar radicalmente o Cristo narrado nos evangelhos.

Ser um Frade Menor significava seguir os mesmos passos que São Francisco de Assis imitou do Evangelho para configurar-se a Cristo. A cada dia, cada renúncia, a cada anúncio da Boa Nova, cada trabalho realizado pelo bem dos pobres e demais filhos da Igreja, era para juntos construírem o caminho da salvação.

Zanella (2013) afirma que, independente do contexto histórico, o assunto sobre a pobreza sempre será polêmico. Os debates entre os professores da Universidade de Paris sobre a pobreza do século XIII, sua natureza e prática, demonstraram uma controvérsia prática entre franciscanos que consideravam a extensão do voto de pobreza como obrigação e como o verdadeiro propósito da Ordem, e a controvérsia teórica com os dominicanos que entendiam a pobreza apenas como um meio de comunicação.

Os franciscanos utilizavam a visão teocrática, afirmando que o Papa possuía jurisdição suprema e *dominium*, e que os demais prelados e reis tinham apenas uma

jurisdição confiada. Os dominicanos, afirmavam que o uso dos bens materiais não poderia jamais ser separado da posse, e que esse direito de propriedade e posse em relação à propriedade jamais seria igual a ter jurisdição sobre ela, por isso ninguém, nem monarcas ou pontífices, eram donos da propriedade a qual tinham jurisdição (ZENELLA, 2013).

4.2 CASTIDADE

A virtude da Castidade tem três formas: Honestidade conjugal, digna de aprovação e conforme a lei de Deus; Castidade vidual para ambos os sexos, aconselhado e louvável; Virgindade, entendida como hábito da castidade, o estado de virtude, o decoro principal, virtude louvável, digna e se há de preferir entre todas as espécies de castidade⁴⁵.

São Boaventura segue explicando que para a pessoa ser perfeita também é necessário observar a castidade.

A castidade, em sentido amplo, comporta três diferentes modalidades. A primeira é aquela própria dos casados, chamada de *pudicitia* ou *continentia coniugalis*. A segunda, aquela que é consagrada pelos viúvos por um voto, a *continentia vidualis*. A terceira refere-se à castidade enquanto virgindade consagrada a Deus: *sanctimonia virginalis*. Cada uma dessas formas de castidade, por sua vez, não indica apenas um modo diferente da sua manifestação, mas um diferente grau de perfeição (GOMES 2013, p. 47).

Os homens e as mulheres podem e devem entregar a sua castidade para, assim, estarem cada vez perto da perfeição. Cada estado de vida, seja através do matrimônio, da viuvez ou da virgindade carrega dores, renúncias e vitórias. Através da escolha de manter-se casto, escolhe renunciar aos prazeres terrenos para gozarem os prazeres celestes.

A castidade é a capacidade que o ser humano tem para abster-se dos prazeres mundanos. Abster-se não como forma de castigo, mas como um exercício espiritual para controlar o próprio corpo.

⁴⁵BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Obras de San Buenaventura**. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1972.

4.2.1 Castidade Matrimonial

No *De Perfectione Evangelica*, q.III, a. I, *De pudicitia coniugali*, a Castidade Matrimonial também é chamada de honestidade conjugal, a qual é digna de aprovação e está conforme a lei evangélica⁴⁶.

Segundo Gomes (2013), para São Boaventura, é possível um casal viver a castidade matrimonial. O ato nupcial sempre é seguido pela libido, distanciando assim o sacramento do matrimônio de sua virtude. Segundo o Doutor Seráfico, a libido junto com o ato conjugal não pode ser vista como uma culpa, mas como uma consequência do pecado original. A libido desordenada que acompanha o ato conjugal precisa receber limites e direcionamentos que somente o matrimônio é capaz de fazê-lo.

Pela lei do matrimônio, no ato conjugal, os cônjuges devem, através da castidade, refrear a concupiscência da carne. São Boaventura não é a favor da total abstinência do ato nupcial, pois acabaria sendo contra a lei natural e divina da procriação, ele aconselha o uso moderado da libido, pois o sacramento do matrimônio deve ser o reflexo do amor de Cristo por sua Igreja (GOMES, 2013).

Para São Boaventura:

Deve-se dizer que, sem dúvida alguma, a honestidade conjugal é digna de aprovação e conforme a lei de Deus não apenas segundo o estado do tempo presente ou futuro, mas também desde o início do mundo até o final do presente século, até que o número dos escolhidos seja completado. Por cuja inteligência deve ser notado que a mesma honestidade conjugal e seu ato e seu uso estão de acordo com a lei da natureza, e a lei da Escritura, e a lei da graça (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p. 220, tradução nossa)⁴⁷.

O matrimônio é digno de aprovação perante os homens e perante Deus. Sua aprovação, legitimidade e continuidade não é algo criado ou vivido apenas no presente, ele é responsável pela continuidade do ser humano nesta terra, até o fim

⁴⁶BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Obras de San Buenaventura**. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1972, p. 220.

⁴⁷“Se ha de decir que, sin duda ninguna, la honestidad conyugal es digna de aprobación y conforme a la ley de Dios no solo según el estado del tiempo presente o futuro, sino también desde el principio del mundo hasta el fin del presente siglo, hasta que se complete el número de los elegidos. Para cuya inteligencia se ha de notar que la misma honestidad conyugal y su acto y su uso está conforme a la ley de la naturaleza, y a la ley de la Escritura, y a la ley de la gracia” (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p. 220).

dos tempos. Sua constituição está alicerçada na lei natural, na lei da Escritura e na lei da graça.

Segundo a tradição judaico-cristã, o homem precisa contrair matrimônio com uma mulher para assim contribuir na obra da Criação.

4.2.2 Castidade Vidual

No *De Perfectione Evangelica*, q. III, a. II, *De continentia viduali servanda et vovenda*, fica evidenciado que a Castidade dos viúvos deve ser guardada e prometida segundo a lei evangélica de fazer-se eunuco por amor ao reino dos Céus⁴⁸.

Gomes (2013) afirma que, para São Boaventura, a castidade dos viúvos também deve ser vivida e entregue a Deus. Os viúvos devem abster-se do ato conjugal e da libido que o acompanha. A castidade vidual é compreendida como castidade e ascese, próprio da observância realizada, professada e assimilada livremente por um voto.

São Boaventura afirma:

E porque a continência vidual tem mais honestidade por causa da limpeza, mais utilidade para a remoção de impedimentos, mais jucundidade pela ausência de encargos que seguem a lei do casamento, daí resulta que a continência vidual é aconselhada a todos que foram livres; mas para aqueles que querem abraçar este conselho de acordo com os ditames da perfeição evangélica, eles não devem ser separados, e sim incitados, não apenas na idade senil, mas também na idade juvenil (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p.239, tradução nossa)⁴⁹.

O viúvo já teve a sua experiência nupcial e sabe o que a libido é capaz de fazer, ele sabe que todos os seus atos acarretam em consequências. Estando, pois, desimpedido, ele pode entregar a sua vontade e consagrá-la a Deus. Para ele, é mais fácil devido à ausência de cargas que o próprio matrimônio trás. O viúvo já sabe das alegrias e dos sofrimentos do matrimônio, mas também pode experimentar

⁴⁸BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Obras de San Buenaventura**. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1972. p. 233.

⁴⁹“Y porque la continencia vidual tiene más honestidad por razón de la limpieza, más utilidad por la remoción de impedimentos, más jucundidad por la ausencia de cargas que siguen a la ley del matrimonio, de aquí se deduce que la continencia vidual se aconseja a todos los que han quedado libres; pero a los que quieren abrazarse con este consejo según el dictamen de la perfección evangélica, no se les ha de apartar, antes bien incitar, no solamente en la edad senil, sino también en la juvenil” (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p.239).

as alegrias daqueles que, renunciando aos prazeres terrenos, conseguem viver no atual estado de vida, como pessoas que aprendem a superar seus limites e suas vontades.

4.2.3 Castidade Virginal

São Boaventura, no *De Perfectione Evangelica q.III, a.III, De sanctimonia virginali*, explica que a virgindade já é o hábito da Castidade, é o estado virtuoso, louvável pela virtude e dignidade, preferível às demais espécies de Castidade⁵⁰.

A castidade virginal é a entrega total da pessoa ao seu Criador.

Em primeiro lugar é importante observar que aqui não se aborda uma virgindade qualquer, mas, de *sanctimonia virginalis*, quer dizer, de uma virgindade muito bem-determinada: aquela dedicada, consagrada a Deus – *Deo dicata* –, também chamada *sancta virginitas* (santa virgindade) (GOMES, 2013, p. 52).

Por livre vontade, todo aquele que se guarda dos prazeres da carne e se entrega totalmente a Deus através da consagração, receberá no Céu a coroa da vitória. A renúncia do desejo carnal é a garantia de que o ser humano pode vencer os seus apetites e assim exercer a capacidade de escolher a virtude.

O Doutor Seráfico explica que

“[...] a virgindade, por razão de seu nome, significa abstinência de todo ato carnal ilícito e lícito, permanecendo a integridade no corpo e na alma” (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p. 251, tradução nossa)⁵¹.

Todo aquele ou aquela que conseguiu dominar a sua vontade, não se entregou a nenhum tipo de prazer carnal, seja ele permitido ou proibido, conseguiu imitar, em parte, o próprio Jesus, que se manteve casto por toda a sua vida e, assim, pode sustentar sua integridade física e espiritual.

Manter-se virgem é uma maneira de manter-se longe da corrupção da carne e da influência dos vícios que os prazeres carnavais podem trazer. Conseguir decidir o

⁵⁰BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Obras de San Buenaventura**. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1972. p. 246.

⁵¹“[...] la virgindad, por razón de su nombre, significa abstinencia de todo acto carnal ilícito y todo lícito, permaneciendo la integridad en el cuerpo y en el alma” (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p. 251).

que é melhor para a minha felicidade é uma forma de controle dos meus desejos. Evitar algumas coisas que podem afastar o fiel do caminho que conduz ao Reino dos Céus é ter a certeza da fé que lá no Céu, ele receberá a recompensa, estar ao lado daquele que também soube controlar e renunciar o seu próprio desejo: Cristo.

A castidade virginal é a forma que o ser humano pode encontrar para retribuir a Deus tudo o que Dele recebe. O consagrado, através da sua livre escolha, opta por entregar o seu corpo e sua alma como sacrifício de sua vontade, para viver casto e virgem como Cristo e sua mãe viveram.

O ato de guardar a virgindade é uma forma de dizer sim para a capacidade que o ser humano tem para dominar os seus apetites, enquanto que as coisas mundanas apelam para o domínio do vício sobre a vontade. O vício escraviza, enquanto a virtude liberta. O vício prende o homem ao seu corpo, ao seu desejo, a sua vontade.

A virtude desperta no homem a certeza de que ele não é escravo das contingências, mostra que ele é sempre capaz de vencer os seus limites, trás a capacidade de compreender os efeitos de seu agir e que através da ascese ele conseguirá exercitar da melhor forma o seu desejo e sempre escolher aquilo que é para a sua edificação espiritual. A virgindade também é comparada com a Igreja, esposa mística de Cristo, que nunca teve outro esposo a não ser Jesus. A entrega virginal é o ato supremo de confiança e abandono nas mãos daquele que sabe cuidar, orientar e mostrar a realização das Bem-aventuranças.

4.3 OBEDIÊNCIA

A Obediência possui três fundamentos: 1º - A lei natural dita universalmente, segundo a qual o inferior deve sujeitar-se, obedecendo ao superior; isso é dito de diversas maneiras em correspondência com as várias diferenças de inferioridade e superioridade, que convém à lei escrita e à lei da graça; 2º - O ato de estar obrigado a obedecer a um homem através de um voto, não em todos os casos, se não nas coisas pertencentes aos Conselhos Evangélicos, constitui, facilita e consuma a perfeição evangélica; 3º - Mesmo que diversos homens estejam obrigados com múltiplos compromissos a obedecer a diversos prelados, em correspondência com a diversidade de graus, ofícios e poderes, no entanto, toda essa variedade tem que

reduzir-se a um prelado primeiro e supremo, em quem, principalmente, se encontra o princípio universal sobre todos os demais, não somente a Cristo, mas também ao Vigário de Cristo por direito divino, redução que é congruente, por exigi-la a ordem da justiça universal, a unidade da Igreja e a firmeza estável desta ordem e desta unidade⁵².

No *De Perfectione Evangelica*, q.IV, a.I, *De obedientia*, São Boaventura questiona se está conforme o direito natural que um homem se sujeite a outro homem por obediência. Para justificar sua resposta afirmativa, ele explica que, assim como na família o direito natural através do mandar e obedecer mantém a paz, também é dado a cada um aquilo que lhe pertence⁵³.

Para Boaventura de Bagnoregio (1972), a piedade natural afirma que os pais devem ser honrados, respeitados e venerados. O fundamento da honra consiste em prestar aos pais o devido respeito através da submissão e da obediência. Na lei do decálogo, está escrito que os pais devem ser devidamente honrados, reverenciados.

A lei natural afirma universalmente que tudo e todo aquele que é inferior, deve submeter-se obedecendo ao superior, isto dito de diversas formas, assim como existem as diversas maneiras de inferioridade e superioridade, como convém para a lei escrita e para a lei da graça.

Segundo São Boaventura:

Diz-se, de fato, um superior ao outro enquanto a origem natural, ou enquanto ao poder dominador ou presidencial, ou enquanto o regime providencial. As três maneiras de superioridade convêm à natureza: a primeira, por si mesma, pois "define-se natureza como a propriedade nativa das coisas em cuja virtude se gera de um semelhante com outro semelhante"; a segunda por razão de vício, uma vez que, como diz Santo Ambrósio, a escravidão é a penalidade do pecado; e a terceira, por motivo de remédio, de acordo com o capítulo 27 dos Números: Providencie o Senhor, Deus dos espíritos de todos os mortais, a essa multidão, um homem que a governe, afim de que o povo do Senhor não fique como ovelhas sem pastor. – Para a primeira superioridade deve render-se obediência filial; para a segunda, obediência servil, e a terceira, que diz respeito à dignidade prelatícia, obediência jurisdicional (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p. 268, tradução nossa)⁵⁴.

⁵²BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Obras de San Buenaventura**. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1972.

⁵³BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Obras de San Buenaventura**. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1972. p. 262.

⁵⁴"Se dice, en efecto, uno superior a outro en cuanto al origen natural, o en cuanto a la potestad dominativa o presidencial, o en cuanto al régimen providencial. Las tres maneras de superioridad convienen a la naturaleza: la primera, por sí misma, pues "se dice naturaleza la propiedad nativa de las cosas en cuya virtud se engendra de un semejante otro semejante"; la segunda por razón de

Inferioridade ou superioridade é justificada entre os homens de maneira natural ou pelo poder dominador que um possa exercer sobre o outro ou por um poder de liderança ou por alguma forma que uma pessoa exerça sua força por ter a capacidade de suprir as necessidades do outro.

Naturalmente, o homem é um ser de relação de poder exercido sobre algo ou sobre alguma coisa. Obedecer e submeter-se é algo que também pode ser observado na natureza. Os animais inferiores ou mais fracos submetem-se e obedecem aos mais fortes e superiores. No caso dos homens, acontece a mesma coisa.

Para Boaventura de Bagnoregio (1972), as maneiras naturais de superioridade podem ser classificadas em três: 1º - Uma é a natureza da propriedade nativa das coisas que é gerada de um semelhante frente ao outro, por exemplo a superioridade de um pai frente a seu filho; 2º - Por causa do vício: a escravidão é a punição pelo pecado, exemplo disso é a superioridade de um senhor diante de seu escravo; 3º - Por motivo de ajuda, a superioridade que um prelado tem diante de seus fiéis.

Para cada tipo de superioridade, existem tipos específicos de obediência. Para a primeira superioridade, deve-se render a obediência filial. A segunda deve render-se a obediência servil e a terceira diz respeito à dignidade prelatícia, obediência jurisdicional.

“A obediência implica submissão de uma pessoa a outra. Assim, o Seráfico Doutor se esforça primeiramente em argumentar que a submissão é determinada pelo próprio direito natural” (GOMES, 2013, p. 54).

Para a inteligência do que foi dito, deve-se notar que de duas maneiras pode um ligar-se através do voto para obedecer a um homem: uma, obrigando-se a todos os gostos e caprichos de sua vontade, e outra, submetendo-se a coisas em conformidade com os conselhos evangélicos, ajustados a uma determinada norma de vida que deriva da fonte da lei

vicio, ya que como dice San Ambrosio, la esclavitud es pena del pecado; y la tercera, por razón de remedio, según aquello del capítulo 27 de los Números: Provea el Señor, Dios de los espíritus de todos los mortales, a esta multitud de un varón que la gobierne, a fin de que el pueblo del Señor no quede como ovejas sin pastor. – A la primera superioridad debe rendirse obediencia filial; a la segunda, obediencia servil, y a la tercera, que dice respecto a la dignidad prelaticia, obediencia jurisdiccional” (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p. 268).

evangélica (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p. 283, tradução nossa)⁵⁵.

Ligar-se através do voto de obediência a um homem, apenas para fazer os seus gostos, vontades e caprichos, é algo imperfeito e vai contra a perfeição evangélica, pois a obediência, neste caso, é fruto do temor da autoridade que a pessoa está submetida.

Sujeitar-se a obedecer alguém conforme os Conselhos Evangélicos deixados por Jesus leva o obediente à fonte da lei evangélica: ser obediente, assim como o Mestre foi para com o Pai Celestial.

A lei evangélica é a lei da liberdade, instrui o homem para que todo seu agir gere liberdade e não escravidão, mas o submeter-se de um homem em virtude de um voto, induz uma necessidade. Vincular-se através de um voto para obedecer a um homem aparentemente é contrário a liberdade da lei evangélica.

Mas, São Boaventura explica:

No capítulo 3 de São Mateus: Assim, é apropriado que cumpramos toda a justiça; e na Glosa: "A humildade perfeita tem três graus: o primeiro consiste em submeter-se a um igual, e o terceiro, em submeter-se a um inferior, no qual toda justiça está incluída; e Cristo o cumpriu "; então, se a perfeita justiça é submeter-se a outro, e isto é alcançado principalmente pelo voto de obediência, parece ser o dito voto inteiramente de acordo com a perfeição evangélica (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p.279-280, tradução nossa)⁵⁶.

Para que a salvação dos homens fosse realizada, foi necessário que Cristo Jesus, fosse obediente até a morte na Cruz, pois ele sabia que o Pai o ressuscitaria no terceiro dia. Todo aquele que obedece imitando a maneira de Jesus, assim como ele, entrega sua própria vontade nas mãos daquele que sabe o preço e a consequência da obediência. Sacrificar a vontade é necessário para alcançar um bem maior.

⁵⁵"Para la inteligencia de lo dicho se ha de notar que de dos maneras puede uno ligarse con voto a obedecer a un hombre: una, obligándose a todos los gustos y antojos de su voluntad, y otra, sometién dosele en las cosas conformes con los consejos evangélicos, ajustados a determinada norma de vida que se deriva de la fuente de la ley evangélica" (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p. 283).

⁵⁶"En el capítulo 3 de San Mateo: Así conviene que cumplamos toda justicia; y en la Glosa: "La humildad perfecta tiene tres grados: el primero consiste en someterse a un igual, y el tercero, en someterse a un inferior, en lo cual se incluye toda justicia; y Cristo la cumplió"; luego, si perfecta justicia es someterse a outro, y esto se consigue principalmente por el voto de obediencia, parece ser el dicho voto enteramente conforme a la perfección evangélica" (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p. 279-280).

A obediência de Cristo vai ao ponto de não ter e não fazer a sua própria vontade, pois Ele renuncia a sua vida e a doa a todos no sacrifício da cruz, é o grande sinal de que o desapego, a renúncia e a pobreza também devem ser do poder escolher, sendo que aquele que obedece, o faz num ato de abandono.

O professo também deve obediência ao Sumo Pontífice, pois ele é o Vigário de Cristo, ele é o representante de Cristo na terra.

Segundo Boaventura de Bagnoregio (1972), a Igreja de Cristo é comparada a um corpo, no qual existem diversos membros, e cada membro desempenha uma função específica, mas todos estão sujeitos à cabeça, que controla todos os demais membros. Todos os membros espirituais devem, apesar de suas diferenças e suas importâncias, sujeitar-se e obedecer ao comando da cabeça principal. A Igreja é constituída por diversos carismas, ministérios, e graças, mas tudo isso vem de uma cabeça que é Cristo Jesus, o chefe supremo da Igreja.

O Sumo Pontífice é o representante de Cristo na terra, por isso ele deve ser obedecido. A Igreja de Jesus tem uma só hierarquia, toda a unidade do principado provém da unidade do príncipe, a Igreja deve ter somente um sumo e principal hierarca, mas o hierarca deve sempre ser obedecido por todos. Maior deve ser a união conforme o ser da graça, do que conforme a natureza, mas todos os homens têm apenas um pai segundo o corpo, também devem ter apenas um pai segundo o espírito, assim como o pai corporal deve ser obedecido por todos os seus filhos, o pai espiritual também deve ser obedecido por todos os seus filhos que foram gerados em Cristo⁵⁷.

A Igreja é o corpo místico de Cristo, jamais um membro pode querer ser aquilo que ele não foi designado para realizar. Assim como o corpo possui uma ordem hierárquica e precisa respeitá-lo e segui-lo, a Igreja deve obedecer ao comando daquele que foi confiado para manter a harmonia.

Revoltar-se, não acatar as ordens, ou tentar desobedecer, é uma forma de rebeldia, não contra um homem, um líder religioso, mas é uma forma de afronta e pecado contra aquele que ele representa: Cristo.

São Boaventura afirma que:

⁵⁷BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Obras de San Buenaventura**. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1972. p. 307.

Para entender o que foi dito, deve-se notar que, embora vários homens sejam obrigados com múltiplos laços a submeter obediência submissa a vários prelados de acordo com a diversidade de graus, ofícios e poderes - de acordo com o que o apóstolo diz no capítulo 13 do Epístola aos Romanos: Todos vocês devem estar sujeitos às autoridades superiores - no entanto, toda essa variedade tem que ser reduzida a um primeiro e supremo prelado, em quem o principalmente se concentre o principado universal sobre todos (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p. 314, tradução nossa)⁵⁸.

Para São Boaventura, todos os homens de alguma maneira, devido a seus laços, devem prestar obediência submissa a diversas autoridades eclesásticas, devido aos diversos graus, ofícios e poderes que existem dentro da Igreja e que é confirmado pelo apóstolo Paulo quando afirma que todos devem estar submetidos, obedecer às autoridades superiores.

Mas, com tanta variedade de autoridades eclesásticas, é preciso reduzir ao primeiro e supremo prelado, aquele que guia, governa, e orienta os demais prelados, aquele que tem o principado universal dos apóstolos sobre todos os outros, o Sumo Pontífice.

Salienta ainda São Boaventura que o Sumo Pontífice Católico Romano, herda do apóstolo Pedro, a supremacia sobre os demais apóstolos. Estar em comunhão com o Pontífice é estar em plena comunhão com aquele que o instituiu aqui na terra como Pastor do Rebanho de Deus. Cabe a cada fiel, obedecer e submeter-se aquele que foi instituído como o guia espiritual da Igreja de Cristo.

⁵⁸“Para la inteligencia de lo dicho hase notar que, si bien diversos hombres están obligados con múltiples lazos a rendir obediencia sumisa a diversos prelados en consonância con la diversidad de grados, oficios y potestades – según lo cual dice el Apóstol en el capítulo 13 de la Epístola a los Romanos: Todos habéis de estar sometidos a las autoridades superiores –, sin embargo, toda esa variedad tiene que reducirse a un prelado primero y supremo, en quien principalmente se concentre el principado universal sobre todos” (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1972, p.314).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o florescimento de novas Ordens religiosas no Século XIII, São Boaventura de Bagnoregio toma contato com a Ordem dos Frades Menores, principalmente através das aulas e do testemunho de seu mestre, Alexandre de Hales, que era franciscano. Mais tarde, São Boaventura ingressa na Ordem com tamanha entrega e dedicação e, no dia de sua canonização, é considerado como o segundo Fundador dos franciscanos⁵⁹.

O Evangelho, o Magistério da Igreja, a vida dos santos e especialmente a vida de São Francisco de Assis é o fundamento de todo pensamento bonaventuriano.

Apesar da campanha feita por Guilherme do Santo-Amor de proibir as Ordens Mendicantes de pregar e ensinar na Universidade de Paris, o Papa Alexandre IV confirma, aos dominicanos e franciscanos, o direito de ocupar as cátedras. São Boaventura e São Tomás de Aquino recebem o grau de Doutor no mesmo dia. O Doutor Seráfico abandona o ensino para dedicar-se exclusivamente à Ordem dos Frades Menores devido à sua nomeação como Geral dos franciscanos. São Boaventura faleceu no final do Concílio de Lyon, em 15 de julho de 1274⁶⁰.

Todas as questões sobre a Perfeição Evangélica são constituídas de maneira sistemática como uma forma de refutar Guilherme do Santo-Amor: a Humildade é o grande fundamento de toda vida cristã, defendendo assim a Pobreza e a mendicância voluntária; a Obediência é necessária para manter a unidade da Igreja Católica e a subordinação ao Sumo Pontífice; a Castidade é aquela que é capaz de dominar as paixões e direcioná-las no sentido da vontade de Deus⁶¹.

São Boaventura foi alguém que conseguiu compreender e transmitir aquilo que ele recebeu: a fé e a capacidade de ver a importância do conhecimento unido à religião. Como frade franciscano teve o cuidado de manter uma vida de oração e, mais tarde, como Superior Geral da Ordem dos Frades Menores, ele podia visitar os conventos e verificar as necessidades dos seus religiosos, dar assistência e resolver os novos desafios que a Ordem começava a ter.

⁵⁹GOMES, F. **Perfeição evangélica**: a teologia dos conselhos evangélicos de São Boaventura. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p. 125.

⁶⁰GILSON, E. **La filosofía en la edad media**: desde los Orígenes patrísticos hasta el fin del siglo XIV. Tradução de Arsenio Pacios y Salvador Caballero. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1998. p. 411-437.

⁶¹BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Obras de San Buenaventura**. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1972.

O Doutor Seráfico, além de místico, filósofo, teólogo, professor e como tal, pode ensinar a todos que é possível dedicar-se a oração e a vida dos estudos.

Sua produção filosófica não durou mais de nove anos, pois precisou dedicar-se exclusivamente a sua Ordem após ter sido eleito Superior Geral, mesmo assim, nunca se negou a ajudar em questões e problemas relacionados à Igreja.⁶²

O Doutor Seráfico muito leu as Sagradas Escrituras, principalmente o Evangelho que aparece por inúmeras vezes em todas as suas obras. O Evangelho é o grande combustível de todo trabalho teológico e também filosófico dele. Jamais se poderá separar suas ideias teológicas das filosóficas, uma vez que, para ele, a Filosofia era necessária como uma auxiliar da Teologia.

Todas as apologias feitas em favor das Ordens Mendicantes, não foram por capricho acadêmico ou rivalidade entre seculares e religiosos, mas foi uma luta intelectual de alguém que acreditava em uma nova maneira de evangelizar, através da livre maneira de ser e da liberdade de pregar e ensinar.

Guilherme do Santo-Amor não conseguiu fazer com que as Ordens Mendicantes fossem extintas e mais tarde teve que calar-se.

Aos novos religiosos foram restituídas as cátedras da Universidade de Paris, franciscanos e dominicanos puderam ensinar juntos na academia e testemunhar, para toda sociedade, que o agir de alguns pode influenciar o agir de muitos.

Discussões, conceituações e decisões tomadas no século XIII influenciam até os dias de hoje, não só as Ordens religiosas, mas também toda a Igreja.

O ideal de São Francisco foi semeado, criou raízes e fortificou-se. A Ordem franciscana com São Boaventura deu maior relevância e incentivo também aos estudos dos frades, despertando, assim, não só novos religiosos, mas pensadores que influenciaram a História.

A forma de agir de São Boaventura sempre foi guiada e instruída pela maneira franciscana de ser: ouvir o Evangelho que a Igreja traz. Toda a tradição hagiográfica presente na obra do Doutor Seráfico evidencia sua dedicação não só a leituras de cunho filosófico, teológico, mas também de cunho espiritual e místico.

Lembremos que S. Boaventura é um universitário do século XIII, que se tornou membro de uma ordem mendicante, a Ordem Franciscana, de que foi aliás responsável máximo, ocupando, nessa função, o 7º lugar, na

⁶²DE BONI, L. **Boaventura**: filósofo, teólogo e místico. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. p. 268.

sucessão do fundador da mesma, S. Francisco de Assis. Enquanto universitário, repercutiu-se nele, não apenas a tradição da herança cristã, tendencialmente agostiniana, mas já também a recente presença de numerosas obras da sabedoria greco-romana; como franciscano, interpreta a mundividência da sua época, incontornavelmente irredutível à que informou a vida dos séculos passados, embora estes não tenham sido menos cristãos. De salientar, para os nossos propósitos, a missão peculiar das recém-fundadas ordens mendicantes, Dominicanos e Franciscanos, na oposição às tendências neomaniqueístas grassantes, no seu tempo, cátaros e albigenses, entre outros movimentos mais representativos (GONÇALVES, 1995, p. 458).

Ao ler as obras filosófico-teológicas do Doutor Seráfico, é possível compreender como Frei Boaventura, em nenhum momento, esqueceu-se de suas convicções religiosas e como, também, sistematizou, de maneira filosófica, o seu pensamento sem jamais deixar de cumprir com suas obrigações de religioso, professor, autoridade eclesiástica, filósofo e teólogo.

Seguir a espiritualidade, o pensamento e a maneira de ser, espelhada em São Francisco de Assis, instiga o ser humano a desenvolver a capacidade de ser virtuoso em meio às dificuldades e aos desafios da vida cotidiana, tão bem vivenciados e conceituados por Boaventura. Viver de maneira ética é conseguir renunciar a tudo para configurar-se a Cristo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Altíssima pobreza**: regras monásticas e forma de vida. São Paulo: Boitempo, 2014.

ARMELLADA, B. Simbolismo metafísico y spiritualidad en San Buenaventura. In: Congresso internazionale per il VII centenario di San Bonaventura da Bagnoregio – San Buenaventura Maestro di vita francescana e di sapienza cristiana, 2, 1974, Roma. **Anais**. Pontifícia Facolta Teológica San Bonaventura, 1974.

ARNS, E. As confissões de Santo Agostinho nas obras de São Boaventura. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 18, n. 1, 1958.

BELLEI, R. **A questão da interioridade no *Itinerarium Mentis in Deum* de São Boaventura**. 2006. 83f. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

BETTONI, E. **S. Bonaventura da Bagnoregio**: gli aspetti filosofici del suo pensiero. Milano: Biblioteca Francescana Provinciale, 1973.

BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Legenda maior e legenda menor: vida de São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Obras de San Buenaventura**. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1972.

BOUGEROL, J. G. **Opere di San Bonaventura: introduzione generale**. Roma: Città Nuova Editrice, 1990.

CALVÁRIO, P. **Filosofia e pobreza em Boaventura de Bagnoregio**. 2009. 70 f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2009.

CAPANAGA, V. La mediación de Cristo em la filosofía de san Agustín y san Buenaventura. **Revista AVGVSTINVS**, Madrid, v. 19, n. 75/76, jul./dez. 1974.

CEFEPAL. **Dicionário Franciscano**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

COIMBRA, L., S. **Francisco de Assis**: visão franciscana da vida. Porto: Maranus, 1927.

CRESTA, G. Buenaventura: el transcendental bien y la iluminación moral individual, **Notandum**, São Paulo, v. 12, n. 211, p. 5-11, set./dez. 2009.

DA SILVA, S. **Cosmologia e antropologia em Boaventura de Bagnoregio**. Porto Alegre: Cadernos da ESTEF, 2005.

DE BONI, L. **Boaventura**: filósofo, teólogo e místico. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

_____. A escola franciscana: de Boaventura a Ockham. **Veritas**, Porto Alegre, v. 45, n. 179, p. 317-338. 2000.

_____. (org.). **Boaventura de Bagnoregio**: obras escolhidas. Tradução de J. Jerkovic, J. e S. Schneider. Porto Alegre: Est. Sulina UCS, 1983.

_____. O debate sobre a pobreza como problema político nos séculos XIII e XIV. In: DE ABELARDO A LUTERO. **Estudos sobre Filosofia Prática na Idade Média**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 215-254.

FALBEL, N. **Os espirituais franciscanos**. São Paulo: EDUSP: FAPESP: Perspectiva, 1995.

GEMELLI, A. **O franciscanismo**. Tradução de M. Pimentel. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

GHISALBERTI, A. **De reductione artium ad theologiam di Bonaventura da Bagnoregio**. Milano: Veneranda Biblioteca Ambrosiana, 2017.

GILSON, E. **La filosofía de San Buenaventura**. Tradução de Esteban de Zuraire. Buenos Aires: Editorial Desclee de Brouwer, 1948.

GOMES, F. **Perfeição evangélica**: a teologia dos conselhos evangélicos de São Boaventura. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

GONÇALVES, J. C. **Homem e mundo em São Boaventura**. Braga: Editorial Franciscana, 1970.

_____. A Responsabilidade Ambiental: uma leitura medieval paradigmática: redução das ciências à teologia de S. Boaventura. **Veritas**, Porto Alegre, v. 40, n. 159, p. 453-468. 1995.

HIRSCHBERGER, J. Tomo I: antigüedad, edad media, renacimiento. In: _____. **Historia de la Filosofía**. Tradução de Luis Martínez Gómez. 4.ed. Barcelona: Editorial Herder, 1971. p. 368-371.

IAMMARRONE, L. **Il valore dell'argomento ontológico nella metafísica bonaventuriana**. [s.l.]: Divus Thomas, 1975.

LAZZARINI, R. **San Bonaventura, filosofo e místico del cristianesimo**. Milano: Fratelli Bocca Editori, 1946.

LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Lisboa: Teorema, 2000.

MANFerdini, T. **S. Bonaventura filosofo del linguaggio**: S. Bonaventura (1274-1974). Roma: Grottaferrata, 1973.

MANNES, J. **O transcendente imanente**: a filosofia mística de São Boaventura. Petrópolis: Vozes, 2002.

MENDES, L. **O amor é o peso da alma**: o amor-caridade como via para a união com Deus em São Boaventura. Porto Alegre: Cadernos da ESTEF 22, 1999.

MERINO, J. **História de la filosofía franciscana**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993.

MERINO, J.; FRESNEDA, F. **Manual de teología franciscana**. Petrópolis: Editora Vozes e FFB, 2005.

MOREIRA, A. (org). **Herança franciscana**: Festschrift para Simão Voigt. Petrópolis: Editora Vozes e Editora da Universidade São Francisco, 1996.

PERIN, C. São Boaventura e o estudo da geometria na Universidade de Paris, no final do século XIII: uma análise histórica. **Joaçaba**: roteiro, v. 33. n. 2, p. 181-200, jul./dez. 2008.

PULIDO, M. Fuentes filosóficas de la “filosofía de la pobreza” en el pensamiento bonaventuriano. **Revista Española de Filosofía Medieval**, v. 14, p.161-172. 2007.

RATZINGER, J. **A teologia da história de São Boaventura**. Porto: Centro de Estudos Franciscanos, 2010.

RODRIGUES, R. **A pessoa humana é relação: a dignidade e a responsabilidade humana na cosmovisão de São Boaventura**. 2011. 158 f. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

ROLANDETTI, V. Esperienza metafisica ed esperienza mistica. In: Congresso internazionale per il VII centenario di San Bonaventura da Bagnoregio – Bonaventura: um sapere che ama ed um amore che sa. San Buenaventura Maestro di vita franscescana e di sapienza Cristiana, 2, 1974, Roma. **Anais**. Pontifícia Facolta Teológica San Bonaventura, 1974.

SCHWERZ, N. **São Boaventura, um teólogo místico contemplativo**. Porto Alegre: Cadernos da ESTEF n. 12, 1994.

SPEER, A. Boaventura: a certeza do conhecimento. In: KOBUSCH, T. **Filósofos da idade média**: coleção história da filosofia. 2. ed. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

VALDERRAMA, C. Filosofía Ejemplarista. **Franciscanum**: Revista de las Ciencias del Espiritu, Bogotá, v. 16, n. 47-48, maio/dez. 1974.

VASCONCELLOS, M. **O problema do mal**: a interpretação de São Boaventura. 3. ed. Porto Alegre: VERITAS, 2012.

VEUTHEY, L. **La filosofia cristiana di San Bonaventura**. Roma: Agenzia del Libro Cattolico, 1971.

ZANELLA, D. O debate sobre a pobreza no pensamento político franciscano do século XIII. **Thaumazein**, Santa Maria, v. 5, n. 11, p. 195-210, jul. 2013.

OBRAS CONSULTADAS

BEUCHOT, M. Significado y carácter general de las pruebas de Dios en el pensamiento boaventuriano. **Revista de Filosofía**, Ciudad de México, v. 20, n. 58-59. 1987.

BOEHNER, P.; GILSON, E. **História da filosofia cristã**. Tradução de Raimundo Vier. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

BORMIDA, J. **Um itinerário para a harmonia**: reflexões sobre o “itinerário da mente para Deus” de São Boaventura. Porto Alegre: Cadernos da ESTEF 23, 1999.

CARGNONI, C. **Bonaventura, secondo fondatore?** Italia Francescana: 73, 2003.

CARVALHO E CASTRO, L. **Saint Bonaventure Le Docteur Franciscain**: l’idéal de Saint François et l’Ouvre de Saint Bonaventure à l’égard de la Science. Paris: Gabriel Beauchesne, Éditeur, 1923.

CAYOTA, M. **Semeando entre brumas**: utopia franciscana e humanismo renascentista: uma alternativa para a conquista. Rio de Janeiro: Cefepal, 1992.

CHESTERTON, G.K. **São Francisco de Assis**: a espiritualidade da Paz. São Tomás de Aquino: as complexidades da razão. 3. ed.Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

CICCARELLI, M. **S. Bonaventura, maestro di vita spirituale**. Assisi: Tip. Porziuncola, 1974.

CONTI, M. **Estudos e pesquisas sobre o franciscanismo das origens**. Tradução de Celso Márcio Teixeira. Petrópolis. RJ: Vozes, 2004.

CORVINO, F. **Bonaventura da Bagnoregio francescano e pensatore**. Roma: Dedalo Libri, 2006.

_____. **La dignità dell’ uomo e sua libertà secondo Bonaventura da Bagnoregio**. Napoli: Dehoniane, 1980.

DIZIONARIO BOAVENTURIANO. **Filosofia; Teologia; Spiritualità**. Ernesto Caroli. Padova: Editrici Francescane, 2008.

FONTES FRANCISCANAS. **Escritos e biografias de São Francisco de Assis**: crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes e FFB, 1997.

GILSON, E. **La filosofía en la edad media**: desde los orígenes patrísticos hasta el fin del siglo XIV. Tradução de Arsenio Pacios y Salvador Caballero. 2.ed. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

GONÇALVES, J. C. **Noção e função da natureza na obra de São Boaventura**: S. Bonaventura (1274-1974). Roma: Grottaferrata, 1973.

GNEO, C. **L'essenza dell'essere como amore in S. Bonaventura. S. Bonaventura (1274-1974)**. Roma: Grottaferrata, 1973.

IAMMARRONE, L. **L' antropologia bonaventuriana, in L'Anima (problemi di attualità, 2)**. Napoli, Dehoniane, 1979.

KOSER, C. O Cristo da ordem franciscana. **Vozes: Revista Católica de Cultura**, Petrópolis, n. 1, p. 25-34, jan. 1966.

KUMMER, Blásio. **Método de experiência mística no itinerário da mente para Deus**. 2003. 57 f. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul. Porto Alegre, 2003.

MAIO, A. **Piccolo glossario bonaventuriano**. Roma: Aracne, 2008.

MANNES, J. **Presenza e Ulteriorità di Dio nell'Itinerarium di San Bonaventura**. 1995. 119 f. Dissertação (Mestrado), Facultas Philosophiae, Pontificium Athenaeum Antonianum. Roma, 1995.

MÉNARD, A. **Spiritualité du Transitus. S. Bonaventura (1274-1974)**. Collegio S. Bonaventura. Roma: Grottaferrata, 1974.

MORRA, G. **L'agostinisimo medievale e san Bonaventura, in questioni di storiografia filosófica**. Roma: Lazio Francescano, 1975.

MUÑOZ-ALONSO, A. **San Buenaventura y la filosofía**. Revista AVGVSTINVS, Madrid, v. 19, n. 75/76, jul./dez. 1974.

PIAZZA, L. **Mediazione simbolica in San Bonaventura**. Vicenza: L.I.E.F., 1978.

ROBAERT, P. **Exposição sobre a regra dos frades menores**: São Boaventura. Porto Alegre: Evangraf, 2008.

ROMAG, F. D. **Compêndio de história da igreja**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1950.

SARANYANA, J. I. **A filosofia medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca**. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2006.

SPOTO, D. **Francisco de Assis**: el santo que quiso ser hombre. Buenos Aires: Vergara, 2004.

TEDOLDI, M. **L'articolazione di teologia, filosofia e mistica nel metodo di san Bonaventura**. Roma: Antonianum, 2004.

ULLMANN, R. A. **Consecratio mundi**: consagração do mundo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

_____. **A universidade medieval**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SAN BONAVENTURA. **Collegio S. Bonaventura**. Roma: Grottaferrata, 1973.

VON RINTELEN, F. J. Compreensão del ser creatural em san Agustín y en san Buenaventura. **Revista AVGVSTINVS**, Madrid, v. 19, n. 75/76, jul./dez. 1974.

_____. **Hacia Dios**: cinco lecciones acerca del "itininerario" de S. Buenaventura. Roma: Rappresentante Della Casa Editrice Herder, 1940.